

e-fabulations

e-journal of children's
literature



e-f@bulações

Revista eletrônica de literatura infantil

Edited by Filomena Vasconcelos



Departamento de Estudos Anglo-Americanos

Nº 8 / 12.2011

Title/ título: e-fabulations/ e-fabulações. E-journal of children's literature/ Revista eletrónica de literatura infantil.

Editor/ organizador: Filomena Vasconcelos

Editorial board/ Comissão editorial: Filomena Vasconcelos / Maria João Pires

Editorial Assistants/ Assistentes editoriais: Ana Teresa Magalhães (FLUP) / Cláudia Morais (FLUP)

Editorial Assistant for English Language Texts / Assistente Editorial para Textos em Inglês: Abbye Meyer (Univ. Connecticut, USA)

Periodicity/ Periodicidade: semestral

Nº 8 – dezembro de 2011

Publicação da Biblioteca Digital da FLUP

Local: Porto

ISSN: 1646-8880

Capa: Filomena Vasconcelos sobre ilustração de Evelina Oliveiraranjo

Técnico: Carlos Silva

e-f@bulations / e-f@bulações – journal of Children’s Literature
Revista Eletrónica de Literatura Infanti

e-f@bulations/ e-f@bulações is a refereed international e-journal of scholarly research in the field of literature for childhood and youth. It is published in English and Portuguese twice a year (Spring-Summer and Autumn-Winter) as part of the Digital Library of the *Faculdade de Letras da Universidade do Porto*(FLUP), Portugal, with ISSN: **1646-8880**.

Hosted by the Department of Anglo-American Studies (DEAA) of FLUP, the journal aims at providing a space for the publication of studies on a wide spectrum of topics related to literary themes on childhood and youth, in a broad variety of genres, from the most traditional and conventional ones to memories, journals and comics. Comparative approaches between literature, cinema, cartoon animation and the visual arts (e.g. in book illustration or other) are also contemplated.

In its interdisciplinary design the journal therefore welcomes contributions on all subjects within the general literary and cultural field of childhood and youth, from any country, culture or civilization, any historical period, as well as from any individual or collective experience.

e-f@bulations/ e-f@abulações is a pluralist publication with no ideological affiliation and open to proposals and perspectives from all research methodologies.

Prior to publication, all contributions are to be submitted to the Editorial Committee of the journal for peer-reviewing, and are assumed to be unpaid. It is furthermore understood that authors submit only original articles which are not at the same time being submitted to other journals.

The Editorial Committee reserves also the right to invite distinguished scholars to contribute to the journal.

Each issue comprises two main sections (though exceptions may occur):

- 1- Critical essays on the thematic areas above described;
- 2- Creative writings for children or youths – e.g. short narratives, plays, poems, comics or others. These texts should be all original and not previously published, whether in printed or digital form.

Editor: Filomena Vasconcelos

Editorial Committee: Filomena Vasconcelos /Maria João Pires

Editorial assistants: Ana Teresa Magalhães, Cláudia Morais

Editorial Assistant for English Language Texts: Abbye Meyer

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

Editorial

Filomena Vasconcelos

TESOUROS BIBLIOGRÁFICOS DA UNIVERSIDADE DO PORTO: A PROPÓSITO DE UMA EXPOSIÇÃO

Abertura

José Carlos Marques dos Santos

Reitor da Universidade do Porto

Luís valente de Oliveira

Presidente da Comissão do Centenário da Universidade do Porto

Manuel António Janeira

Pró-Reitor da universidade do Porto

Guilhermina Rêgo

Vereadora do Pelouro do Conhecimento e Coesão Social

Câmara Municipal do Porto

Maria de Fátima Marinho

Diretora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Carlos Azevedo

Presidente do Departamento de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras UP

João Leite

Diretor dos Serviços de Documentação e Sistemas de Informação
da Faculdade de Letras UP

TESOUROS BIBLIOGRÁFICOS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Texto

Isabel Pereira Leite

Imagens

Ruí Mendonça

ENSAIOS

ESSAYS

"Em Modos de Jogo"

Maria Luísa Malato

A Língua e o conhecimento: Um passeio pela memória

Lúcia Helena Lopes de Matos

CONTOS PARA CRIANÇAS

STORIES FOR CHILDREN

Lenga-Lenga de Lena, a Hiena

Ana Luísa Amaral

Ilustrações de Filomena Vasconcelos

Passeou um gato sobre este teclado

Maria Leonor Barbosa Soares

Ilustrações de Evelina Oliveira

The unfortunate Persian crow...

Suzan Massoumi

O meu Menino Jesus

Isabel Pereira Leite

COMISSÃO EDITORIAL / EDITORIAL COMMITTEE

AUTORES / AUTHORS

EDITORIAL

Filomena Vasconcelos

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

“Le goût des Arts, et l’amour de Lettres, ont produit cette magnifique Édition.(...) cette entreprise a été faite uniquement pour la gloire de la Nation”.

Estas são as palavras de abertura do editor de *Fables Choisies* de La Fontaine, na edição de 1755, que assenta na versão elaborada entre 1668 e 1694, dedicada ao Delfim, filho de Luis XIV. São quatro volumes, em formato *in-folio*, incluindo ilustrações em 276 quadros (e não vinhetas) da autoria de M. Oudry, pintor do rei e professor da Academia Real Francesa de Pintura. Foi o Tomo I desta coletânea uma das inúmeras raridades que vimos expostas na Mostra dos “Tesouros Bibliográficos da U Porto”, patente de setembro a novembro na Biblioteca Municipal Almeida Garrett. Desde finais do século XV, em 1493, com a *Crónica de Nuremberga* (o precioso incunábulo da U Porto), até ao *e-book* do século XXI, a história do livro impresso, da leitura e da transmissão dos saberes, surgiram ante os

nossos olhares como presenças inalienáveis de uma existência humana que só se conhece, reconhecendo-se, na eterna escrita que cruza na memória dos textos as linhas do seu passado com os sinais ainda incertos e incógnitos do seu presente. Este foi sempre o papel da literatura na história dos homens, mesmo quando fingiu recusá-lo: o papel de dizer as coisas, contar-lhes a história, ou dramatizá-la, ao jeito trágico ou cómico, tragicómico, também, cantar em poema as emoções da alma, ou as razões do coração... e tudo isto para que os homens e as mulheres

FABLES CHOISIES, MISES EN VERS PAR J. DE LA FONTAINE. TOME PREMIER.



A PARIS,

Chez { DESAINT & SAILLANT, rue Saint Jean de Beauvais.
DURAND, rue du Foin, en entrant par la rue S. Jacques.

M. DCC. LV.

De l'Imprimerie de CHARLES-ANTOINE JOMBERT.

aí pudessem ver-se em claro reflexo e se apreendessem em contornos mais nítidos na humanidade possível da sua condição imperfeita de seres mortais, vagueando entre sombras pela estranheza do mundo . Porque a literatura, por ser arte, essa crê-se imortal. Mais: crê-se farol que alumia e guia quem por ela se deixa guiar. *Aut prodesse... aut delectare...* da célebre fórmula horaciana do *utile* e do *dulce*, identifica justamente esta relação umbilical da palavra literária com a natureza das coisas e do homem, na afinidade que a aprendizagem do saber tinha, para Aristóteles, com a imitação: não cópia nem plágio. “Útil” não se define, pois, na visão do utilitarismo pragmático oitocentista, mas é antes valor de um conhecimento desinteressado, que, por assim ser, estreita laços com a noção de “deleite”, o prazer estético originário na fruição do belo através da leitura. *Utile* e *dulce*, como conceitos complementares e não antagónicos, permanecem como eixos de centralidade, no âmago mais profundo do que ainda hoje legitima a literatura no seio das sociedades e das culturas, apesar das metamorfoses ideológicas advindas de posteriores teorias epistemológicas e poéticas, sobretudo a partir das correntes românticas do século XIX.

Num dos limites mais notáveis deste contexto se entende a fábula, na tradição de Esopo, como história de recorte alegórico, servida tradicionalmente do disfarce animal – como, de resto, as “mascaradas” do teatro também o faziam – para denunciar os vícios e as fraquezas da natureza humana. Sublinha-se a dimensão marcadamente exemplar, didática e moralizante das pequenas histórias que se destinavam à leitura de um público adulto, e não especificamente de crianças. A ideia de uma literatura infantil ou juvenil é uma invenção dos finais oitocentista, quando o estatuto psicossociológico da criança começa a ganhar um peso significativo na cultura ocidental e se deixa para trás a imagem do “adulto em miniatura” que Dickens celebrizou, denunciando.

Ao longo de quatro anos, em oito números, a *e-f@bulations*, num formato exclusivamente digital, que lhe proporciona uma distribuição e divulgação globais pelas múltiplas redes e portais da internet, procurou ir ao encontro deste conceito mais amplo de literatura que, muito embora se centre num universo de referências e interesses comuns aos mais jovens, se dirija ao seu imaginário nos contos inéditos e ilustrações originais que tem publicado, é antes de mais e intrinsecamente literatura. Define-se por aquilo que é, qualitativamente, enquanto discurso que se distingue de outros discursos pela sua especificidade, estética/poética, não pelo destinatário. Um discurso artístico, por isso mesmo, e necessariamente, “artificial”.

Assim, têm passado pelos vários números da revista, honrando as suas páginas nestes últimos quatro anos, nomes de escritores que, só por si, dispensam qualquer apresentação: Ana Luísa Amaral, Jorge Marmelo, José Viale Moutinho, Nuno Júdice, Manuel António Pina, Rui Zink, José Jorge Letria, entre outros, incluindo estrangeiros, como a poeta americana Anka Vlassopolos.

Além disso, temos contado com a colaboração generosa e constante da pintora e ilustradora Evelina Oliveira, como bem o atestam muitas das inúmeras ilustrações originais publicadas nos vários números da revista, que redimensionam em imagem aquilo que as palavras, em seu ser abstrato, nos querem dar à imaginação.

Quisemos igualmente ir ao encontro de diretrizes que têm pautado os objetivos e realizações da U Porto, no âmbito da transversalidade interdisciplinar dos saberes numa cultura de internacionalização que, por seu turno, é igualmente comum à cidade e ao espírito cosmopolita, de uma identidade própria, que além fronteiras a têm reconhecido e prestigiado. Das artes e letras, passando pelo filme de curta-metragem, das ciências sociais à arquitetura urbanística, da biologia à bio-medicina e à bio-arte, da astrofísica à ficção científica, tudo tem feito parte do mesmo conceito aglutinador da *e-f@bulations* que, em gênese, contempla a natureza do conhecimento e da sua representação na dimensão essencial do “efabular”. Efabular é narrar, é representar algo, dá-lo de novo num outro, e é igualmente representar-se, ou seja, dar-se a si próprio no outro de si, em reflexo. De resto, é próprio da visão só dar os objetos em imagem reflexa e nunca em si próprios. Só vemos o que está ao alcance dos olhos, perante nós, em imagem espelhada. Logo, é próprio do ver, representar ou tornar a apresentar. Semelhante à ficção ou à fábula. É este o sentido do fingimento endógeno que assiste a todo o nosso saber, e a que Platão sabiamente se referiu ao tratar dos diversos planos de entendimento do real.

Ainda breves palavras de agradecimento.

Ao Senhor Reitor da U Porto, Prof. Doutor Marques dos Santos, pela honra que nos dá em participar neste número especial da *e-f@bulations*, ligado ao Centenário da nossa Universidade, na evocação da Exposição dos “Tesouros Bibliográficos”.

À Senhora Vereadora do Pelouro do Conhecimento e Coesão Social da Câmara Municipal do Porto, Prof. Doutora Guilhermina Rego, que igualmente nos honra na revista com o seu depoimento, felicitando-a pelo acolhimento e disponibilidade de meios que, nas suas funções municipais ligadas à Biblioteca Almeida Garrett, soube dar ao evento da Mostra.

Ao Prof. Doutor Valente de Oliveira, Presidente da Comissão do Centenário da U Porto, que generosamente também aceitou colaborar neste número com um texto de sua autoria. Foram os seus esforços conjugados com o grande empenho e trabalho aturado do Comissariado da Exposição, a Dr^a Isabel Pereira Leite, o Dr. João Leite e a Dr^a Maria Clara Macedo, sem esquecer o contributo da Dr^a Carla Fonseca, na direção da BMAG, que lograram atingir para o evento um êxito claro dentro e fora da academia, atraindo o interesse de milhares de visitantes e demonstrando assim a cooperação essencial entre os organismos municipais que intervêm na sociedade civil e a Universidade. Agradecimentos redobrados também ao Prof. Doutor Rui Mendonça, designer da Mostra e responsável pela arquitetura do

espaço interior que acolheu na Biblioteca Almeida Garrett os “Tesouros Bibliográficos”, exibindo-os como verdadeira peças de arte, pelas magníficas fotografias que nos cedeu para este número.

Ao Senhor Pró-Reitor da U Porto, Prof. Doutor Manuel Janeira, um agradecimento sentido pelo apoio deste projeto desde a primeira hora, e pelo seu contributo em dois belíssimos textos a honrar as páginas deste número.

À Senhora Diretora da Faculdade de Letras da U Porto, o nosso caloroso agradecimento pelo excelente texto que de pronto nos cedeu para publicação e pelo acolhimento e apoio pessoais e institucionais que sempre nos mostrou.

Ao Senhor Presidente do Departamento de Estudos Anglo-Americanos da FLUP, Prof. Doutor Carlos Azevedo, igualmente pelo apoio incondicional que desde logo deu ao projeto, tratando-se de uma publicação pertencente ao próprio departamento, tendo-nos também honrado com a grande qualidade de um texto seu.

Ao Senhor Diretor dos Serviços de Documentação e Sistemas de Informação da FLUP, Dr. João Leite, editor e responsável pela Biblioteca Digital, acresce ainda registar a nossa gratidão, pelo incansável apoio na edição da *e-f@bulations*, desde o seu primeiro número, sem esquecer a colaboração constante dos técnicos do Gabinete de Informática na composição da revista.

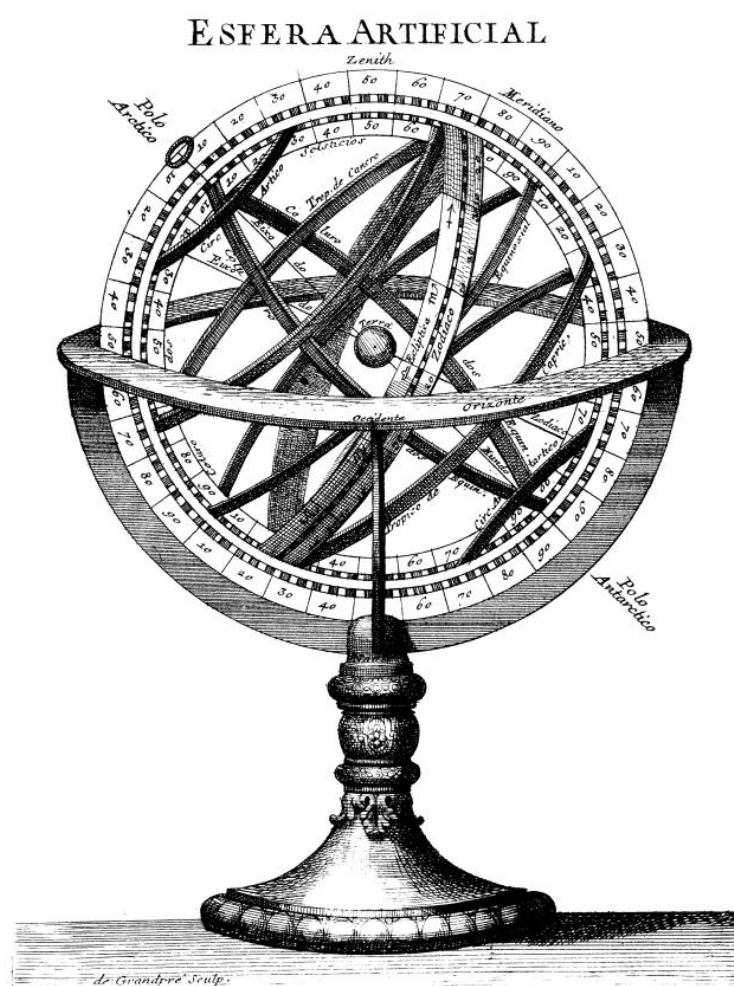
A todos os autores e colaboradores, os que aqui figuram neste número e os outros tantos que preenchem as já longas páginas virtuais da revista, os nossos mais profundos agradecimentos. Contamos sempre convosco para novos desafios.

Chegar ao Natal é como chegar de novo a casa. À casa onde está a mãe, ou talvez também o pai... mas a mãe, sempre a mãe, que é a terra, a natureza, a árvore... quem sabe, a mesma que viu o Príncipe da Dinamarca ao chegar à “clareira de bétulas onde ficava a sua casa. E ao lado da casa, o grande abeto escuro, a maior árvore da floresta, estava coberta de luzes. Porque os anjos do Natal a tinham enfeitado com dezenas de pequeninas estrelas para guiar o Cavaleiro.” (Sophia de Mello Breyner, *O Cavaleiro da Dinamarca*).

Porto, 15 de dezembro de 2011

Tesouros Bibliográficos da Universidade do Porto:

A propósito de uma Exposição



Fotografia de Rui Mendonça

ABERTURA¹

José Carlos D. Marques dos Santos

Reitor da Universidade do Porto

Ao longo da História da humanidade, muito se disse e escreveu sobre a importância do livro enquanto meio por excelência de produção, difusão, aquisição e valorização do conhecimento. Mas nunca é demais reiterar essa importância,

¹ Texto apresentado no Catálogo da Exposição “Tesouros Bibliográficos da U Porto”, Porto, 2011.

sobretudo numa altura em que a morte do livro tal como o conhecemos vem sendo vaticinada com amiudada frequência. A exaltação do papel do livro na transmissão do saber, na criação de ideias e no estímulo ao pensamento não deve, contudo, ser contaminada pela vã nostalgia. O livro, seja qual for a sua configuração futura, é inerente à condição humana e, por isso, não irá ser rasurado das nossas existências. Muito menos numa época em que tanto se celebra o conhecimento, alcandorado hoje a fator essencial, não só do crescimento intelectual do homem, mas também do próprio desenvolvimento material das sociedades contemporâneas.

Por todas estas razões, a exposição "Tesouros Bibliográficos da Universidade do Porto (1493-2011)" sedimenta-se num passado que nos cumpre enaltecer não deixando, porém, de enfatizar a indispensabilidade do livro no futuro civilizacional que estamos a construir. Não é concebível, e a exposição de alguma forma revela isso mesmo, a evolução da humanidade sem esse sortilégio cognitivo que acontece nas páginas dos livros e que a todos sobressalta como uma infusão de energia vital. Nas palavras do Padre António Vieira, "o livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive". Isto significa que o livro se confunde com a inexorável vontade de conhecer, comunicar e partilhar que acomete o homem desde os seus primórdios e que, estamos certos, não deixará de acometer num futuro longínquo, para bem do próprio desenvolvimento humano. Dito isto, importa salientar a relevância histórica da presente exposição. Foram selecionadas para esta iniciativa mais de duas centenas de obras do espólio da U.Porto, com as quais é possível traçar uma panorâmica da evolução do conhecimento técnico-científico, artístico e literário desde os finais do século XV até aos dias de hoje. Neste sentido, a exposição em apreço tem um evidente interesse pedagógico para o público em geral, servindo igualmente para promover o património da nossa Universidade e para realçar a relevância histórica da instituição ao longo dos cem anos de existência que agora se comemoram.

Aliás, as Comemorações do Centenário são norteadas pela preocupação de divulgar alguns dos mais importantes acervos da U.Porto, de forma, não só a valorizar culturalmente a instituição, mas também a promover o conhecimento histórico-científico junto dos cidadãos e a estreitar a relação destes com a nossa Universidade.

Estamos assim a cumprir um dos grandes objetivos estratégicos da U.Porto: a abertura da instituição à comunidade envolvente, facultando o acesso da população ao património, à oferta cultural e ao saber instituído que a Universidade encerra no seu âmago.

O catálogo "Tesouros Bibliográficos da Universidade do Porto (1493-2011)" é, por seu turno, não só um importante instrumento de promoção da exposição como também um complemento do conhecimento que esta transmite, na medida em que revela todo o contexto histórico que envolve o conjunto de livros expostos. Trata-se, pois, de uma obra com inegável interesse científico e pedagógico, tanto mais que os seus textos foram escritos com grande rigor, competência e criatividade pela Dra. Isabel Pereira Leite.

Aproveitamos, aliás, para agradecer à Dra. Isabel Pereira Leite e aos restantes comissários da exposição, os Drs. João Leite e Clara Macedo, a disponibilidade e empenho demonstrados na organização da exposição. Impõe-se também um agradecimento à Dra. Ana Freitas, responsável pela Conservação e Restauro do Fundo Antigo da Faculdade de Ciências da U.Porto (FCUP), de onde provêm muitas das obras expostas. Para além da FCUP, contribuíram com obras para a exposição as faculdades de Arquitetura, Belas Artes, Direito, Engenharia, Letras e Medicina, pelo que merecem igualmente o nosso maior reconhecimento.



Fotografia de Rui Mendonça

Luís Valente de Oliveira²

Presidente da Comissão das Comemorações
do Centenário da Universidade do Porto

O acervo bibliográfico da Universidade do Porto é vasto, como seria de esperar de uma universidade que está entre as cem maiores da Europa. Entre os muitos livros que possui, há verdadeiros tesouros quer pela sua raridade quer por representarem marcos importantes do saber na ocasião em que foram escritos e publicados.

Como seria de esperar, as Faculdades mais antigas, algumas vezes herdeiras de instituições prestigiadas anteriores, são mais ricas do que as mais modernas. Mas todas elas se foram recheando de documentação que ilustra tanto as preocupações de atualização dos seus membros docentes como o critério seletivo que presidiu à formação das suas bibliotecas.

Ao comemorar o seu Centenário, a Universidade do Porto não poderia deixar de exibir com orgulho uma seleção desses Tesouros Bibliográficos, nem de chamar a atenção para a importância da inserção dos seus membros no mar imenso da

² Texto apresentado no Catálogo da Exposição “Tesouros Bibliográficos da U Porto”, Porto, 2011.

informação científica. Hoje esta tem muitas outras formas de chegar aos interessados. Mas, durante os séculos anteriores, eram os artigos publicados em revistas e os livros as fontes privilegiadas para transmitir os conhecimentos.

Tivemos, por razões óbvias, de limitar o número de obras exibidas. Elas são somente duzentas e cinquenta, o que implicou um grande esforço de seleção. Mas foram chamadas a participar todas as Unidades Orgânicas da Universidade. Elas escolheram, naturalmente, os exemplares mais significativos e, também, os que exibem maior interesse bibliográfico.

A dimensão do livro como "objeto" não está ausente. Procurou-se que os exemplares exibidos fossem plasticamente atraentes, de modo a associar-se o interesse pelo conteúdo à apreciação da expressão material dos mesmos.

Cumpre-me agradecer à Câmara Municipal do Porto que, generosamente, pôs a galeria da Biblioteca Almeida Garrett à disposição da Universidade para aí se organizar a exposição.

Quero agradecer ao Dr. João Leite, à Dra. Isabel Pereira Leite e à Dra. Clara Macedo todo o trabalho que tiveram com a montagem da exposição que foi muito complexa, tanto na seleção das obras como na informação que tem de as acompanhar como, ainda, na organização do catálogo.

Devo sublinhar a qualidade plástica tanto da exposição como do catálogo. Isso fica a dever-se ao alto nível profissional do seu designer, o Prof. Doutor Rui Mendonça, da nossa Faculdade de Belas Artes.

Quero, ainda, agradecer a todos os responsáveis pelos centros de documentação das Faculdades, a prestimosa colaboração que nos deram.

Possam os visitantes tirar da exposição uma pequena parte do prazer que eu tirei ao ver os livros alinhados e ao testemunhar a riqueza bibliográfica da nossa Universidade.

Manuel A. Janeira

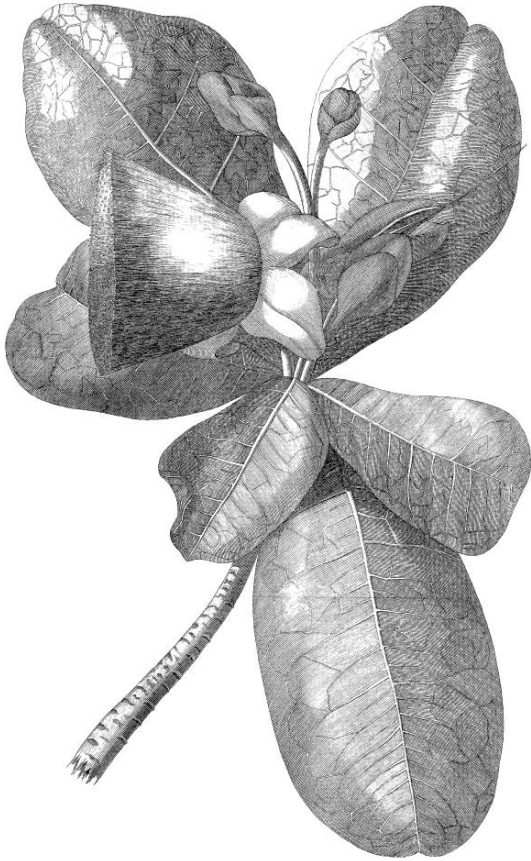
Pró-Reitor Cultura, Desporto e Lazer

Universidade do Porto

Não tenho dúvidas: o Livro é uma espécie de refúgio de montanha, um abrigo de peregrino, um casebre de pastor; e a Leitura uma deliciosa pausa na vida, um vício incorrigível, ou o espanto de quem chega e vê o mundo pela primeira vez. Quando se descobre o gosto pelos livros percebe-se então a sua magia e o seu encanto, e percebe-se também como eles nos podem ajudar a sentir e a criar coisas novas.

Acredito que assim nasceu esta fascinante exposição dos Tesouros Bibliográficos da U.Porto, porque são muitos os refúgios, as caminhadas, as paixões, os espantos, as inspirações... que todos descobrimos neste invulgar OLHAR sobre os tesouros expostos.

Reveladora da riqueza do espólio bibliográfico da nossa Universidade, esta singela aventura expositiva testemunha ainda que é possível acrescentar “uma nova vida” à VIDA dos livros – olhando-os simplesmente – de um modo tão natural – e extasiado - como quem contempla um ocaso sublime.



Fotografia de Rui Mendonça

Subir ao meu refúgio não é tarefa fácil. De Mondim pela Serra chega-se a Vilar de Ferreiros e daí num pulo estamos na estrada certa, quase plana, para o Bilhó. O que vem a seguir é obra de mais respeito. Até ao Bobal o caminho é íngreme e a densidade do arvoredo ensombra as ladeiras e transforma as curvas em armadilhas. Lá no alto a subida amaina e à direita, deslizando o olhar pelo descampado, percebem-se as primeiras casas. Mais para a frente o trilho desenha-se torto no horizonte tal como o rio que por ali passa, muito débil, quase infantil, mergulhado num leito que já foi de senhor. Adiante adivinha-se Lamas de Ôlo, espriada em planalto, muito próxima do céu.

Mas o meu refúgio corre ainda mais para cima, mais para norte, mais para lá do céu. Ignoro as casas na curva e sigo em frente, direito a Travassos, Albadia, Limões, sempre a subir. Quando a floresta escasseia, o cabeça largo do monte destaca-se do fundo azul coberto com carapinha de tojo e urze; e lá ao longe, junto ao carreiro de terra batida, arrancam-se das pedras pequenos molhos de casas tortas. Eis-me chegado ao monte aberto. Antes da primeira habitação, um atalho à esquerda aponta o caminho. Desço lentamente o carreiro e paro na porta do casebre. O odor forte a excrementos de cabra lembra-me que estou em casa. Sentado na soleira, apalpo as cigarrilhas e o isqueiro no bolso largo das calças e abro o livro na página certa - mesmo na hora exata de mais um poente acolhedor.

Guilhermina Rego

Vereadora do Pelouro do Conhecimento e Coesão Social

Câmara Municipal do Porto

A cidade do Porto é detentora de rico património material e imaterial, que o Município tem procurado de forma continuada e sustentada preservar, divulgar e enriquecer. Fá-lo em relação com outros agentes e instituições da cidade, que com o município partilham algumas dessas responsabilidades pelo património da cidade. Entre esses agentes e instituições destaca-se, naturalmente, a Universidade do Porto que, além de detentora de vasto e valioso património, é construtora de conhecimento da e na cidade.

Para facilitar essas aproximações naturais entre a CMP e a UP, e para potenciar o trabalho entre ambas as instituições, têm sido formalizadas e desenvolvidas inúmeras e diversas parcerias, no sentido de ambas as instituições servirem a cidade e reforçarem o conhecimento e a cultura da mesma.

O acolhimento da exposição “Tesouros bibliográficos da UP” num equipamento Municipal - Galeria do Palácio - foi mais um passo neste trabalho colaborativo de construção e divulgação de conhecimento e da cultura. Foi com muito gosto que a Câmara Municipal do Porto se associou a esta mostra do acervo das Bibliotecas da UP, reflexo do desenvolvimento do conhecimento ao longo dos séculos. Enquanto responsável pelo Pelouro do Conhecimento e Coesão Social da CMP, acredito que esta colaboração entre CMP e UP é um pilar fundamental para que a história, a investigação, o conhecimento e o património do Porto sejam trabalhados e divulgados.

TRANSFORMAR O FUTURO SEM ESQUECER O PASSADO

Maria de Fátima Marinho

Diretora da Faculdade de Letras
da Universidade do Porto

António Lobo Antunes, quando escreve que «se não fossem os relógios não envelheceríamos nunca» (Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?, p.155), parece dar conta do fascínio que a ideia da permanência e da imutabilidade pode exercer no indivíduo, mesmo se, como muito bem recorda Eça de Queirós, no conto A Perfeição, é o carácter efémero e a certeza da mudança que torna Penélope muito mais interessante do que a deusa, cristalizada numa eternidade tão apaziguadora quanto irritante.

Cinquenta anos volvidos depois do decreto que aprova a sua reabertura, a Faculdade de Letras situa-se no instável equilíbrio entre o aparente desejo de uma continuidade fictícia e a atração do desconhecido que recusa a paragem dos relógios e aposta no dinamismo e na coragem de ousar enfrentar uma realidade diferente, que não pode nem deve ignorar. Sem esquecer os saberes tradicionalmente a ela associados e que a tornaram numa escola de referência, a FLUP, legitimada por décadas de investigação de excelência e de ensino de qualidade, sente-se agora apta para enveredar por outros caminhos, abrindo-se à sociedade civil e investindo na certificação externa das suas competências.

Numa época de descredibilização de áreas aparentemente menos rentáveis, a FLUP soube e saberá afirmar-se, atraindo novos públicos, com a oferta de formações alternativas, voltadas para experiências em contextos reais de trabalho, aliadas a formações estruturantes da capacidade de pensar e refletir, indispensáveis para o acesso a lugares de chefia, mesmo se em universos supostamente mais afastados da sua tradicional esfera de influência.

A intervenção no tecido empresarial, na educação e/ou no meio artístico (seja ele o das artes plásticas, o da literatura ou o das artes performativas) deverá ser um objetivo prioritário. Domínios tão importantes como os das ciências da informação e da comunicação, da sociologia, da geografia e planeamento do território, da história, filosofia, arqueologia, história da arte, literatura, cultura ou linguística não podem temer um futuro hipoteticamente hostil. A cultura do lucro imediato só será realmente eficaz se assentar na cultura do saber, mediatizada pela conjugação inevitável do conhecimento do passado, da lucidez de análise do presente e da coragem de desafiar o futuro. Cabe-nos demonstrá-lo.

DA LITERATURA E DA LEITURA

Carlos Azevedo

Presidente do Departamento de Estudos Anglo-Americanos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Sabemos que Platão se preocupava com o lugar da poesia na cidade. Tratava-se da questão do poder e encantamento que a arte de imitar exercia sobre os homens, atraindo-os para o falso e desviando-os da razão. Ultrapassada a primeira década do século XXI, a poesia não será reconhecida como ameaça. Mas devemos continuar a testar o seu lugar, isto é, o da literatura, em confronto com um mundo que, numa indiferenciação generalizada, as quer expulsar em nome da ciência que se transmite e do espaço em que esta transmissão ocorre: um cenário contaminado pela vocação totalitária da imagem, pelo reino do audiovisual e da telecomunicação, pela dispensa da palavra escrita. A própria leitura pode evoluir, mas no fundo permanece sempre o que foi: o contacto do leitor com o texto. Esta circunstância não vai mudar, o que muda são as formas como esse ato acontece.

Parece indefensável, contudo, ver no clima utilitarista que nos cerca a causa única da ameaça ao lugar que a literatura deve ocupar. De resto, também os próprios livros estiveram desde sempre postos em risco por aquela imensa maioria de pessoas que não lê, bem como por aqueles autores que se colocam ao serviço da indústria do livro, cuja lógica conduz à irrelevância estética e literária dos respetivos produtos. Gera-se um processo em que o criador se transforma em cúmplice do avanço sobre a literatura das recentes tecnologias da distração e dos meios de comunicação social: é por aqui que se canaliza a perceção global das relações humanas na sua moldura mais espetacular, aplicando-se ao mundo das ideias as conveniências exploradoras das respetivas modas.

Aquilo em que a literatura normalmente se converte não tem qualquer importância: a literatura como instituição, como manobra social ou como aquilo a que se convencionou chamar literatura de emprego, legitimada pelas universidades. É que a universidade raramente se afirma como espaço de cultura: ela é, maioritariamente, emprego ou trânsito para o mercado. O ímpeto dominante dos que escolhem aquilo a

que chamamos Letras não está marcado por preocupações de foro humanístico ou pelo gosto da leitura, mas sim pelo estudo das línguas como um fim em si mesmo, ativado pela ânsia de um futuro emprego para agentes de ensino. Daí que a literatura seja entendida nas universidades como uma tarefa, uma condenação, uma burocracia de leitura. Mas o chamado ensino da literatura deve continuar a ser reivindicado no quadro mais geral da afirmação daquilo que, apesar de tudo, ainda é conhecido por humanidades, sendo certo que a intuição, a sensibilidade e o gosto não se ensinam, educam-se. Ao professor de literatura, correndo embora o risco de ser olhado como o sem-abrigo das universidades, ou até da própria sociedade, cabe levar os estudantes/leitores à informação antes da formação e ensinar-lhes a necessidade do conhecimento de uma das humanidades fundamentais para que possam experimentar, e refletir sobre, o que é (ou pode ser) ler, escrever, dialogar, investigar – no fundo, aprender.

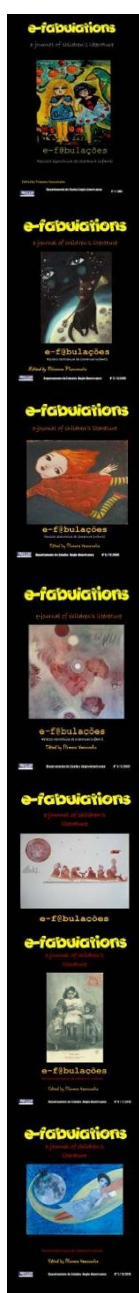
A literatura não se confunde com a soma dos textos escritos existentes. A especificidade literária remete para um discurso depositário da memória da palavra, para um espaço pleno de significação inteira. O lugar da literatura é impensável se não nos aproximarmos cada vez mais de hipóteses de utilização da criação literária como forma de transmissão de valores, sejam eles linguísticos ou morais. Os estudantes de literatura, leitores empenhados que devem ser, podem assim adquirir a noção da importância das palavras e dos efeitos que elas têm, entender que o essencial dessa processualidade se joga em matizes subtis na organização dessas mesmas palavras.

É assim possível encontrar no acesso aos textos literários uma ajuda para a compreensão do mundo e descobrir na utilização da literatura um instrumento de medição da humanidade. Há que estimular um desejo de conhecimento - que é uma forma de inteligência, pelo que o fim da literatura acompanharia o fim da vida inteligente no planeta - e ensinar a romper com a sucessão dos monólogos que avassalam a nossa época. Sem certezas. Mas com a convicção de que a tarefa da criação literária dura, enquanto durar o Homem, seja de que modo for. É em torno desta situação que devemos hoje cumprir o lugar da leitura, da literatura e dos seus destinos

E-F@BULATIONS : 4 ANOS 8 NÚMEROS

João Leite

Diretor dos serviços de Documentação e Sistemas de Informação da FLUP



Em 2007 fomos confrontados com o desafio de editar, na Biblioteca Digital da FLUP, uma revista eletrónica dedicada à literatura infantojuvenil. Tratava-se de um projeto em tudo diferente daquilo que estávamos habituados a editar até então.

Editar uma revista que nos seus conteúdos integraria ficção, ensaio, imagem, vídeo era algo que ainda não estava nos nossos horizontes. Mas aceitamos o desafio e, hoje, passados 4 anos e já no 8º número, a e-f@bulations tem sido publicada com uma regularidade invulgar no contexto da edição universitária.

Na nossa opinião, este tem sido um desafio que nos apraz ver no caminho certo. Um desafio que tem valido a pena e com o qual, simultaneamente, vamos aprendendo. O nosso objetivo, pois, é dar continuidade à edição daquela que é uma das revistas eletrónicas de maior impacto editadas em Portugal.

A revista e-f@bulations é, atualmente, uma publicação de referência na área a que se dedica. Ao longo destes quatro anos de existência, tem sido referenciada em diversos circuitos ligados à literatura infantojuvenil, sendo de realçar o volume de registos não só nos circuitos do livre acesso à informação, mas também nos catálogos de centenas de bibliotecas em todo o mundo.

Uma pesquisa rápida no Google permite-nos concluir que a e-f@bulations entrou, facilmente, nos circuitos do *open access* encontrando-se, atualmente, registada no Directory of Open Access Journals (DOAJ); no portal CAPES Periódicos; na base de dados Worldcat; no diretório La Créée : périodiques en ligne, entre variadíssimos outros.

É, assim, com o maior gosto que a Biblioteca Digital da FLUP continuará a colaborar com os editores da e-f@bulations, no sentido de a tornar cada vez mais importante no âmbito da literatura de referência que diz sobretudo respeito ao segmento infantojuvenil.

A Exposição “Tesouros Bibliográficos” da Universidade do Porto

TEXTO: Isabel Pereira Leite

FOTOGRAFIA: Rui Mendonça

Isabel Pereira Leite

Comissária da Exposição
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
CITCEM

“Citar é injusto. Enumerar é esquecer. Não quero esquecer ninguém de quem me não lembre. Confio ao silêncio a injustiça. A ânsia de ser completo leva ao desespero de o não poder ser. Não citarei ninguém. Julgue-se citado quem se julgue com direito a sê-lo. Ressalvo assim todos.”

Fernando Pessoa (*Revista Portuguesa*, nº 23/24. Lisboa, 13/10/1923)

O quadro conceptual em que assenta esta Exposição poderá definir-se em duas linhas de força: uma primeira, nascida da necessidade de apresentar cronologicamente a evolução do Conhecimento Científico, das Artes e das Letras, entre finais do séc. XV e o ano de 2011, atravessando sete séculos em apontamentos necessariamente breves (apenas 250 obras); e uma segunda, que pretende levar o visitante a descobrir quão importante o homem-leitor é na interpretação, na divulgação, na interação com cada autor.

Na realidade, todos nós participamos no processo criativo, sendo parte essencialíssima na transmissão do Pensamento. Tudo nasce da meditação sobre a Vida. Assim sendo, sempre será impossível ignorar o mundo dos Livros. A Filosofia, a Ciência, a História, a Literatura que neles estão contidas transformaram-nos numa espécie de Humanidade Impressa.

Esta é, pois, uma Exposição para a Cidade. A Universidade oferece, a quem por aqui passa, mais de duas centenas de obras escolhidas de entre as que se juntam, em mais de um milhão, nas suas Bibliotecas. Valerá, a propósito, lembrar Cícero que entendia que quem tinha um jardim e uma biblioteca tinha tudo aquilo de que precisava.

Por quê estas e não outras, porventura mais relevantes, quiçá mais interessantes? Não é fácil estabelecer um critério único. Nem tão pouco seguir um

rumo traçado sem cair na impertinência de acabar por negar a própria essência do Livro. O Livro é aventura – é-o, inequivocamente e em primeiro lugar, por estar de forma íntima associado ao(s) seu(s) autor(es) e lhe(s) permitir revelar ao Mundo a essência do seu Pensamento ou, pelo menos, parte dela, sempre única, já que não há dois homens iguais.

É nesta medida que cada Livro é como que uma extensão da Vida de quem o escreveu, sendo certo que, por isso mesmo, cumpre uma missão única, já que ninguém escreve para ser esquecido. Assim sendo, os livros precisam de leitores que os mantenham vivos. De quem os olhe, como nesta sala todos são convidados a olhá-los, olhos nos olhos. Precisam de olhares sempre renovados, como acontece entre aqueles que, em múltiplas e incontáveis circunstâncias, são apresentados. Precisam do diálogo, das conversas. Precisam de vozes que interroguem, contraponham, argumentem, discutam acerrimamente com eles, os encostem à parede, assim como aqui estão, e lhes perguntem: “Então? Como é? Que contradições são estas? Que efabulações? Que rasgos de ousadia e que lucubrações? Que divagações absurdas? Que encantamentos e que fixações? Que geniais congeminções? Que pensamentos arrojados? Que parágrafos arrebatadores? Que comoção e que emoção? Ah! Por que razão falam todos ao mesmo tempo e não param de discutir?”

Nada há de mais significativo do que o Saber, essa eterna construção humana que se vai desenvolvendo enquanto se olha o firmamento, sem vislumbres de cansaço, noites a fio; enquanto se imagina o inimaginável, quantas vezes antecipando o futuro; enquanto se vive fechado entre quatro paredes, febrilmente resolvendo equações; enquanto mil e uma fórmulas vão sendo ensaiadas por eternos alquimistas; enquanto se tenta perceber quem somos, o que queremos, para onde vamos, através de alteridades mais ou menos simbólicas, criadas ao sabor da escrita. Que bem o disse Shakespeare: “Sabemos o que somos, mas não sabemos o que podemos ser” (*Hamlet*, 1599-1601)

Quanta Filosofia, na génese do Saber; quanta inquietação persistente; quantos versos; quantos destinos; quanta aventura... Quantos séculos de luta e de desdita e quantos de glória e de aclamação... Assim, de forma subjetivamente assumida, se

juntam neste espaço vislumbres do Saber Universal do qual somos, hoje, fiéis depositários, herdeiros legítimos e reconhecidos.

Não será necessário um grande esforço para ouvir todas estas vozes que, em diferentes línguas, provindas de distintas épocas, falam em silêncio, aqui e agora, connosco. Ouçamo-las, pois! E cumpramos o nosso papel, prestando-lhes atenção. Tesouros serão, ou talvez não, porém, seguramente, hão de representar, no seu conjunto, um tempo esculpido, um tempo registado, um tempo eterno – a Posteridade, que a cada passo engloba o que já aconteceu.

Frente a frente connosco, estas são algumas das tantas, tantas obras que a Universidade do Porto tem sabido preservar porque, acima de tudo, sabe bem onde se encontra a raiz do Pensamento. O rosto e a alma do mundo aqui estão. Afinal, em boa verdade, um mundo sem livros seria um mundo condenado a eternamente começar do nada. O nada não existe! O tudo também não! Esta é a prova disto.

Ninguém por cá permanece *ad aeternum*, mas os livros sim. Permanecem como testemunho da nossa passagem por este mundo. São os Guardiães da Memória. O Saber, tal como a Vida, é ilimitado para quem não tem receio de o abraçar. Nesse abraço cabem todas as gerações, todos os tesouros, todos os registos.

“A ciência apenas pode provar o que é, mas não o que deveria ser, pelo que à parte isto, todos os juízos de valor, quaisquer que sejam, continuarão a ser necessários [...]”, escrevia, em 1950, Albert Einstein (*Meus Últimos Anos*). Por isso, a Casa onde se investiga e ensina há cem anos, a Universidade do Porto, sempre foi, é e continuará a ser uma Casa de e para os livros; uma Casa que todos os dias se renova porque sabe que cada obra que guarda se pode desdobrar em múltiplos sentidos. E tantos são os caminhos...

Entre o singular ato da Escrita, científica ou literária, e a obra aberta ao Mundo, está a edição, portanto o Livro. A Universidade do Porto situa-se nestes três domínios: escreve, lê e edita. Curiosamente, nenhuma das obras aqui presentes corresponde inteiramente a esta tríade. Há uma razão de incomensurável importância: a

Universidade do Porto sempre preservou, cuidou, guardou, investiu na exaltação desse Património da Humanidade que é o Saber que a Memória vai consignando, século após século, em verdadeiros Tesouros Bibliográficos.

IMAGENS DE UMA EXPOSIÇÃO

Rui Mendonça

Faculdade de Belas-Artes da U Porto

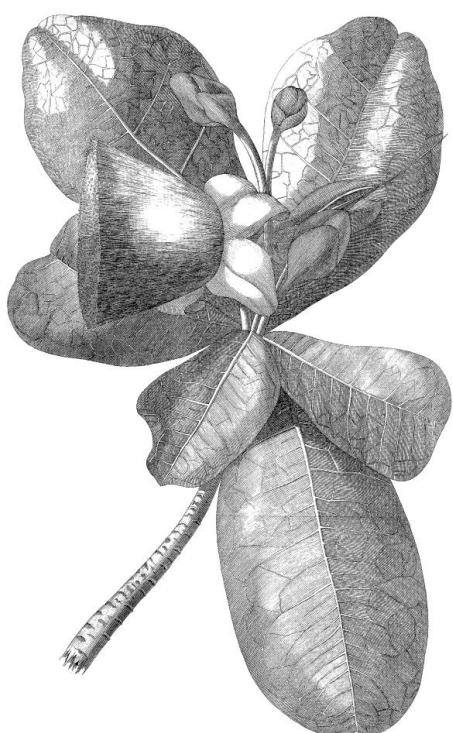


Fig 1

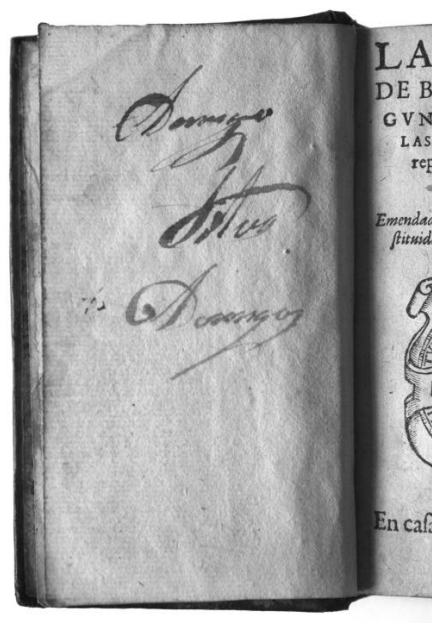


Fig 2



Fig 3



Fig 4



Fig 5



Fig 6



Fig 7

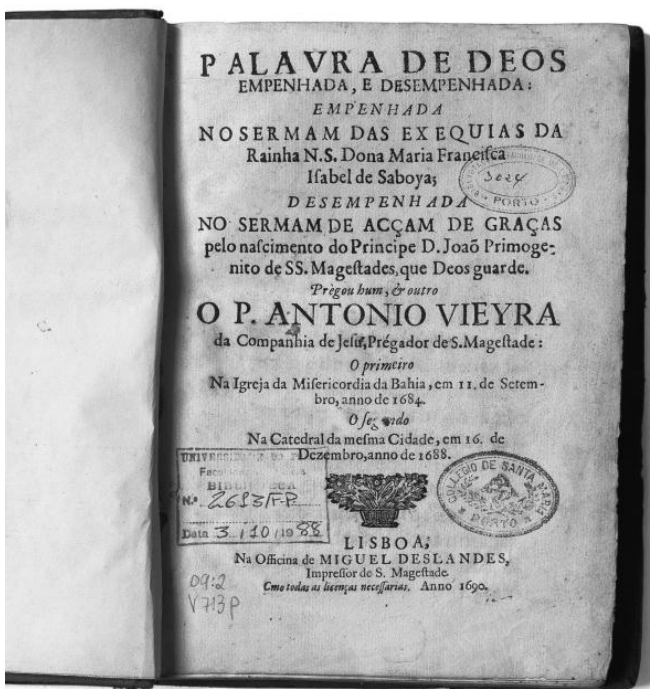


Fig 8

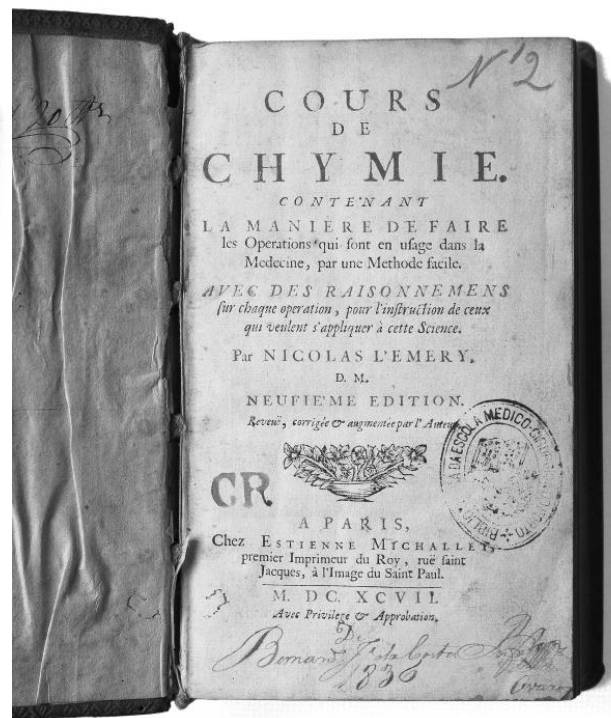


Fig 9



Fig 10

e não levará couira alguma dellas,
nem do tratado q' elle mandar ai
Corregedor. Somente quando ali
Eouver culpados pagarão o que man-
tar em suas culpas, a pido ori-
ginal, como do tratado.

Jeizes das Vintenas

73. Mandamos, que em qual
quer Aldeya, em que Eouver vinte
vintenos, e dali para cima até lin-
coenta, e for huma legoa afastada,
ou mais da cidade, ou villade
cujo termo for, os juizes da dita
Cidade ou villa como oreydo-
ry e procuradorry, escolhaõ omeada
Eum

Fig 11

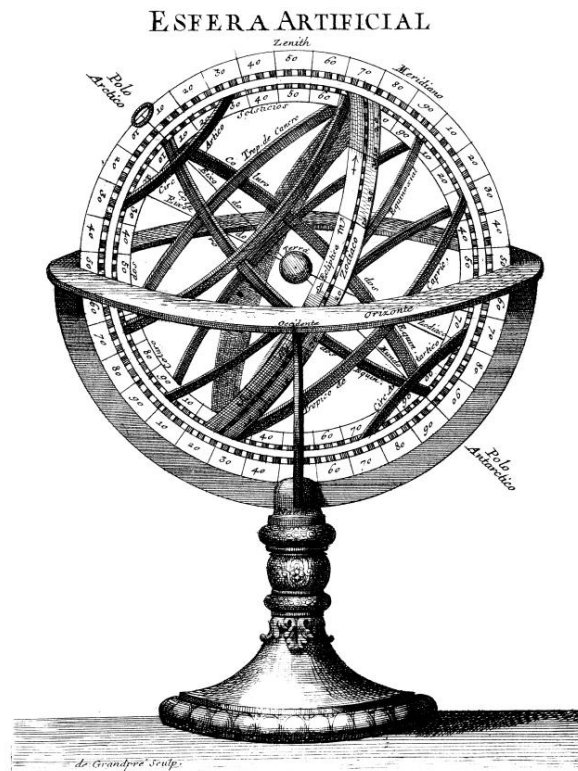


Fig 12

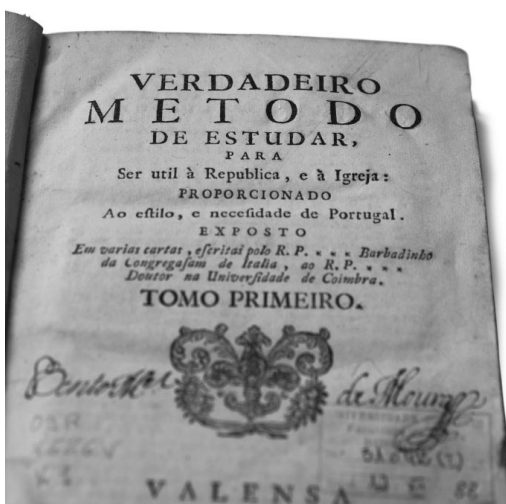


Fig 13



Fig 14

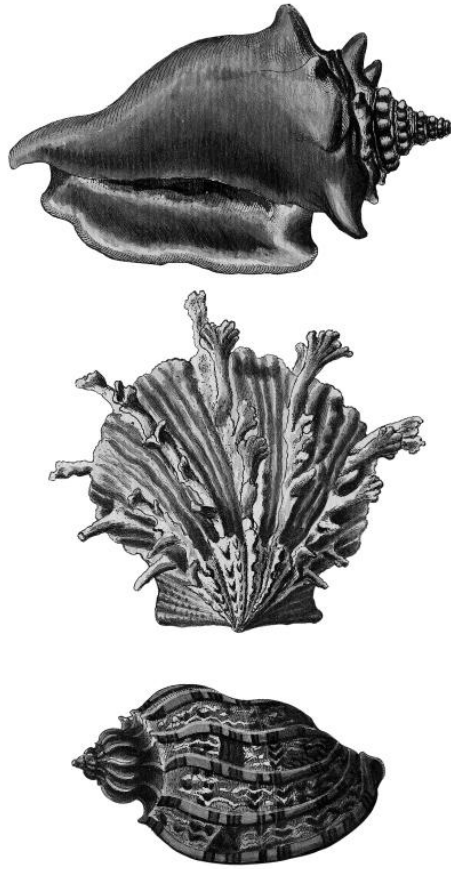


Fig 15

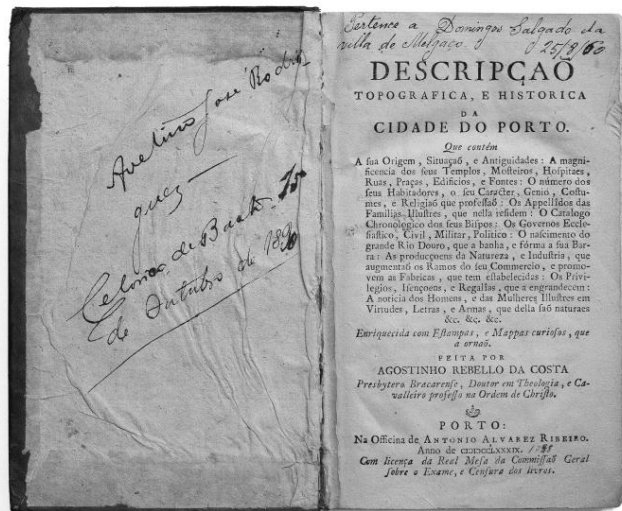


Fig 16



Fig 17

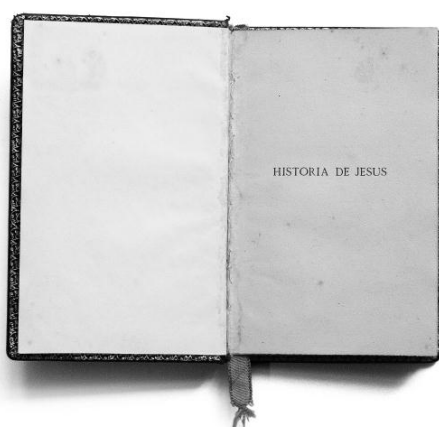


Fig 18

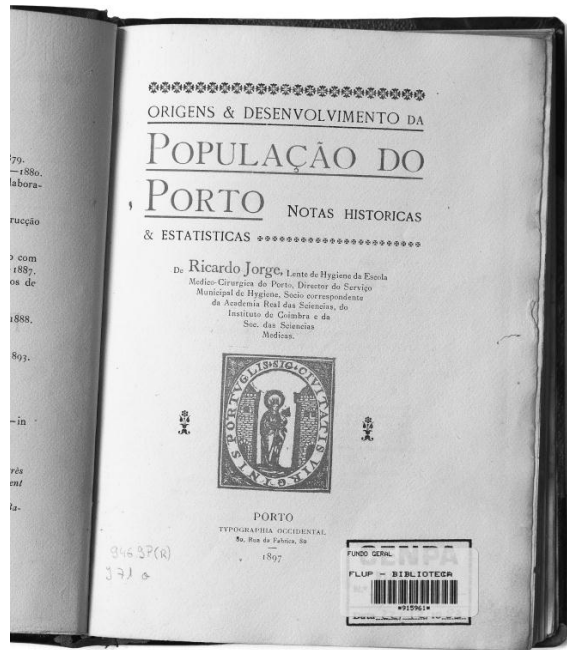


Fig 19

*A Biblioteca de
Faculdade de Letras
do Porto
Humano de
João Manuel
Por
7-VII-97*

Fig 20

Obras às quais correspondem as imagens fotografadas

- 1- Nunes, Pedro. *Tratado da sphaera com a Theorica do Sol e da Lua e ho primeiro livro da Geographia de Claudio Ptolomeo Alexa[n]drino*. Lisboa: Livraria Germão Galharde, 1537.
- 2- Bóscan, Juan. *Las obras de Buscán y algunas de Garcilasso de la Veja*. Anvers: Casa de Martin Nucio, 1597.
- 3- *Chronica do Côdestabre de Portugal dom Nunalvarez Pereyra principiador da casa de Bragança...* 3ª ed. Lisboa: Antonio Alvarez, 1623.
- 4- Cunha, Rodrigo da. *Catálogo e História dos bispos do Porto...* Porto: João Rodrigues, impressor de Sua Senhoria, 1623.
- 5- "Prince Henry of Portugal". Camões, Luís de. *The Lusiad or Portugals historical poem*. Written in the portingal language by Luis de Camoens and now newly put into English by Richard Fenshaw Esq. London: printed for Humphrey Moseley at the Prince's Arms in St Pauls Church Yard, 1655.
- 6- 7 - Ferrer de Valdecebro, Andrés, Frei. *Gobierno general, moral y político...* Madrid: António de Zafra, 1680.
- 7- Idem
- 8- Vieira, António, Padre. *Palavra de Deos*. Lisboa: na Officina de Miguel Deslandes, 1690. Enc. em pele com ferros dourados.
- 9- Lémery, Nicolas. *Cours de Chymie...* Paris: chez Estienne Michallet, 1697.
- 10- Idem
- 11- *Ordenações e leys de Portugal, confirmadas, e estabelecidas pelo Senhor Rey D. João IV...* Lisboa: Real Mosteyro de São Vicente dos Connegos Regulares de S. Agostinho... pela Patriarcal Officina da Musica, 1727.
- 12- Lima, Luís Caetano de Lima. *Geographia histórica de todos os estados soberanos da Europa*. Lisboa: Off. de Joseph Antonio da Sylva, 1735.
- 13- Verney, Luís António. *Verdadeiro metodo de estudar...* Valensa: Oficina de Antonio Balle, 1746.
- 14- Regnault, Noël. *Origem antiga da fysica mderna*. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa, 1753.
- 15- Knorr, Georg Wolfgang. *Les délices des yeux et de l'esprit...* Nuremberg: Georg Guelph Knorr, 1757.
- 16- Costa, Agostinho Rebelo da. *Descripção topografica e historica de cidade do Porto*. Porto: na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1789.
- 17- Eney, Henry. *La vie végétale: histoire des plantes a l'usage des gens du monde*. Paris: Librairie Hachette, 1878.
- 18- Leal, Gomes. *Historia de Jesus: para as creancinhas lerem*. Lisboa: Rua Oriental do Passeio, 1883.
- 19- Jorge, Ricardo. *Origens & desenvolvimento da população do Porto*. Porto: Typ. Occidental 1897.
- 20- Saramago, José. *Todos os nomes: romance*. Lisboa: Caminho, 1997.

Ensaio's

Essays

“EM MODO DE JOGO”:

Considerações breves sobre a ‘Chronica do Emperador Clarimundo’, uma Gramática e o ‘Diálogo de João de Barros com dous filhos seus’ a propósito do valor da Literatura como atividade inocente e exercício memorável para crianças e adultos, com que se deseja provar a importância de João de Barros para o conceito de Literatura Infantil

Maria Luísa Malato Borralho

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa

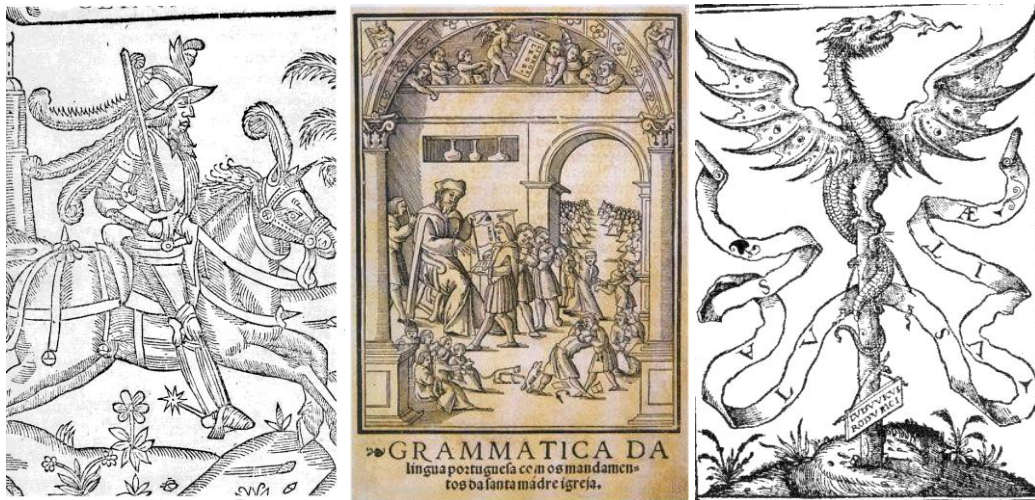


Figura no *Catálogo dos Tesouros Bibliográficos da Universidade do Porto* uma edição do século XVIII (1738) de uma conhecida obra de João de Barros: *Chronica do Emperador Clarimundo, donde os Reys de Portugal descendem*, 4.^a impressão tirada de linguagem ungara por João de Barros; agora novamente acrescentada com a vida deste Escriitor por [Manuel Severim de Faria], editada em Lisboa, na Oficina de Francisco da Silva. Um livro de aventuras, uma novela de cavalaria. Muito do que nele se diz nos faz crer na inocência deste texto:

“Era então João de Barros de pouco mais de vinte anos de idade, e como andava em serviço do príncipe, que lhe ocupava a maior parte do tempo, só nos espaços que lhe restavam, publicamente, e como ele diz, na mesma guarda-roupa do paço, sem outro repouso nem mais recolhimento, onde o juízo quieto pudesse escolher as cousas que a fantasia lhe representava, em oito meses compôs esta história, que para tal idade e ocupação se pode ter por grande cousa. [...] E estando el-Rei D. Manuel na cidade de Évora, no ano de mil quinhentos e vinte, lho apresentou, dizendo-lhe que a intenção com que o fizera fora para se empregar na história de Portugal, e principalmente na Conquista do Oriente, por ser cousa mais sua.” (Faria, in Barros, 1953: 17-18, itálicos nossos).

O desenfado e a fantasia parecem ser as causas da obra, escrita “publicamente”, em brevíssimo espaço de tempo. É difícil porém crer que João de Barros, apesar da idade, escrevesse por futilidade. Encontra-se igualmente patente, desde o primeiro capítulo da *Chronica*, que Clarimundo, o imperador húngaro de que descenderiam os reis portugueses, é uma personagem-modelo, espelho e paradigma do príncipe perfeito (ou melhor, do príncipe que quer ser perfeito, porque nesse trabalho contínuo prossegue as aventuras e desventuras da vida):

“[...] seu nascimento foi em dia tão claro e alegre para os que com tanto temor e trabalho os seus naturais antes de sua vinda tinham passado, pôs-lhe a rainha por nome Clarimundo, que conveio mui bem com todas as suas manhas e obras, que foram luz e claridade do mundo, que então se chama claro, quando os príncipes que o governam destroem aqueles que com seus malíficos o têm escuro” (Barros, 1953: I, 70).

Por isso parece-nos suspeito o contexto em que esta obra de João de Barros foi sendo editada ao longo do século XVIII. Fora do contexto académico que caracteriza hoje as edições da obra de João de Barros, a *Chronica* parece emergir no mercado livreiro em situações que são simultaneamente de crise e de esperança política. Para além da edição de 1738, conhecerá pelo menos uma reedição na mesma oficina em 1742, num contexto de agravamento da doença de D. João V

(primeiros sinais de paralisia) e das esperanças fundadas no ouro do Brasil, que flui crescentemente ao longo da década. No final do século, terá nova edição, em 1791, quando a violência da Revolução Francesa ameaçava espalhar-se a outras cabeças coroadas e crescia a esperança em novas fórmulas políticas. Em todos os casos, o título do texto parece apelar a um prometedor dirigente. João de Barros dá a obra a lume, pela primeira vez, em 1522, pouco depois da morte de D. Manuel, dirigindo-a ainda “ao Esclarecido Príncipe D. João, filho do mui poderoso rei D. Manuel primeiro deste nome, por João de Barros seu criado”, então D. João III. Não é certamente por acaso que a situação se repete nas dedicatórias setecentistas, quer na edição de 1738-42, quer na de 1791. Cada uma destas edições setecentistas reproduz estranhamente o título da primeira edição “dirigida ao Esclarecido Príncipe D. João, filho do mui poderoso rei D. Manuel primeiro deste nome, por João de Barros seu criado”. A edição de 1742, sendo rei D. João V, tem ainda a indicação de ter sido “offerecida ao Serenissimo Príncipe do Brasil D. Joseph Nosso Senhor”. Mas a de 1791, nada contém, talvez confiada na ambiguidade daquele “Esclarecido Príncipe D. João” da edição de quinhentos, que agora se confunde com o nome do filho de D. Maria I, já então abalada pela depressão mental, o futuro D. João VI. De certo modo, estas edições setecentistas parecem bem próximas de uma primeira intenção do autor: a de influenciar o rei e a classe política, de uma forma indireta, levando-os a ações grandiosas e a um projeto cultural ou moral. Talvez o sinal mais claro seja afinal o das palavras do editor de 1742, Francisco da Silva, que, na Dedicatória ao Príncipe, vê na dedicatória de João de Barros a linguagem da profecia:

“E se o Author desta Historia, quando a fez publica, a consagrou a um Principe desta Monarchia, pode ser que este desígnio já então fosse presagio; e que na sua idéa quisesse habitálla para a honra a que V. A. agora a exalta” (Sylva, in Barros, 1742: s.p.).

É aliás Francisco da Silva o editor que mais explicitamente esclarece a função do livro e a possibilidade que ele adquire de, em novo contexto, ser ainda legível a um nível político, ainda que se possa alegar que existe algum interesse pessoal no interesse político. A edição de 1742 tem a indicação de que ele, Francisco da Silva, Livreiro do Senado e da prestigiada Academia Real de História (criada pelo decreto

real de 8/12/1720), imprimiu o livro de João de Barros à sua custa, agradecendo ao Príncipe D. José a honra de lho poder oferecer. Quem meus filhos beija minha boca adoça. Insinua Francisco da Silva, ainda na dedicatória, que deste modo é honrada uma simpatia comum pela cultura e que tem o príncipe entendimento para o valor do que lhe oferece. Francisco da Silva, livreiro da Academia, frisa também a ambiguidade entre as histórias da Literatura e as histórias da História. Fica subentendida uma tabela de correspondências: compreendendo a intenção e o valor de João de Barros, historiador e escritor, se compreende a intenção e o valor de Francisco da Silva, seu editor, promovendo ambos junto do rei a História e a Literatura; narrando-se as aventuras de Clarimundo se exalta a figura do príncipe perfeito, confundindo-a com os príncipes que herdariam o trono; tendo sido Clarimundo “luz e claridade do mundo”, se dá Clarimundo como modelo das Luzes, agora identificadas com os livros, a Literatura e a História, as “belas letras”:

“Tal he a applicação de V. A. a todo o género da literatura, tanta a sua intelligencia das bellas letras e de huma e outra historia, ajudada de huma compreensão viva, de huma perspicácia prompta e de huma critica judicioza, que sem duvida fará a fama do Author, benemérito dos mayores créditos entre os melhor instruídos” (Sylva, in Barros, 1742: s.p.).

João de Barros refere, no prólogo da *Chronica*, que a escrevera “por cima das arcas da vossa guarda roupa” (Barros, 1953: I, 2). Em 1520-1522, o contexto de criação é o cortês, ou seja, o da corte do Rei. O contexto da leitura de Clarimundo, em 1738-1742, 1791, é ainda o de uma obra *ad usum delphini*, dedicada ao príncipe e visando concretamente a formação intelectual do futuro governante. Embora seja difícil definir o público hispânico das novelas, porque a taxa de analfabetismo era grande e muito comuns as suas leituras em voz alta (Chartier, 1990: 113 ss.), é quase certo que as edições setecentistas tenham abrangido um público muito mais alargado e de extrato mais burguês. Nas edições do século XVI, o Rei é o formador de uma classe aristocrática, que tem de passar da atividade guerreira à atividade intelectual. Nas edições setecentistas, o Rei encontra-se já associado a uma classe que certifica a leitura canónica (o autor [João de Barros] é já “benemérito dos mayores créditos entre os melhor instruídos”). No entanto, em todas as edições (do século XVI ou do século

XVIII), se visam dois públicos. O primeiro público é, de forma explícita, o Rei, o governante, sábio e perspicaz. Um segundo, implícito, mais geral, encontra-se indiferente às letras: não tendo recebido a felicidade de uma educação cuidada, viverá nas trevas da ignorância, se dele não cuidar o bom governante. Sempre o público seletivo (rei/ corte/ nobreza/ governantes) deve idealmente devolver o olhar para um público mais geral (ignorante, indiferente, mais bruto), que depende do olhar do governante e o imita. Sempre o olhar de quem publica (do autor ou do editor) tenta moldar o governante real ao governante ideal, esperando que o rei com ele se identifique.

Esta leitura especular do “comportamento do cavaleiro”, ainda que tenha em conta diferentes contextos e diferentes públicos, não a podemos nós atribuir às inocências da idade. No Prólogo da *Década I*, Clarimundo é claramente apresentado como “hua pintura metaphorica” (cf. Osório, 1992: 37-8). E seria ingénuo não ver na alegoria e nos aspetos lúdicos da Literatura duas estratégias retóricas da maior parte dos escritos de João de Barros, ainda dos que escreveu na velhice: essa frequência é a maior prova da sua intencionalidade crítica.

Está obviamente nas obras alegóricas (como é o caso do colóquio sobre o valor dos vícios, *Ropica Pnema*, “Mercadoria Espiritual”, de 1532. A obra moral apresenta-se sob a forma de um diálogo ou narrativa dramática, em que a Vontade e o Entendimento resolvem abandonar a Razão e viver do comércio dos vícios que apresentam com o valor das virtudes. O género do “diálogo”, tão cultivado por João de Barros, é um “modo dramático” (no sentido que lhe dá Aristóteles, na *Poética*), capaz de impressivamente mostrar a divergência de opiniões ou de, pelo menos, evidenciar a “gestão das vozes dos agentes” postos “em cena” pelo autor (cf. Osório: 1992: 43). Mesmo a obra *Ropica Pnema*, hoje muito esquecida, parece ter sido suficientemente eloquente para merecer a atenção do catalão Juan Luís Vives, e os organizadores dos Índices da Inquisição parecem ter temido a sua força persuasiva. Embora Manuel Severim de Faria saliente o facto de a obra ter circulado livremente até 1581, ano em que passou a figurar no Catálogo de livros proibidos (cf. Barros, 1953: 21), cremos significativo que o próprio João de Barros faça já referência, em 1540, a críticas de

alguns membros da Igreja, num contexto em que também podiam estar bem vivos em Portugal os desejos de reforma de uma certa ortodoxia católica:

“Pai - [...] o espírito é tam fraco e frio em caridade, que nam leva mezinha espiritual sem cheirar um marmelo ou morder um limam.

Filho - Esse modo de plantar doutrina católica é permitido a todos ou aos sacerdotes somente? Porque o outro dia me queria dar a entender um sacerdote que o tratado que Vossa Mercê compôs da mercadoria Espiritual nam lhe convinha pelo hábito e negócio que tem.

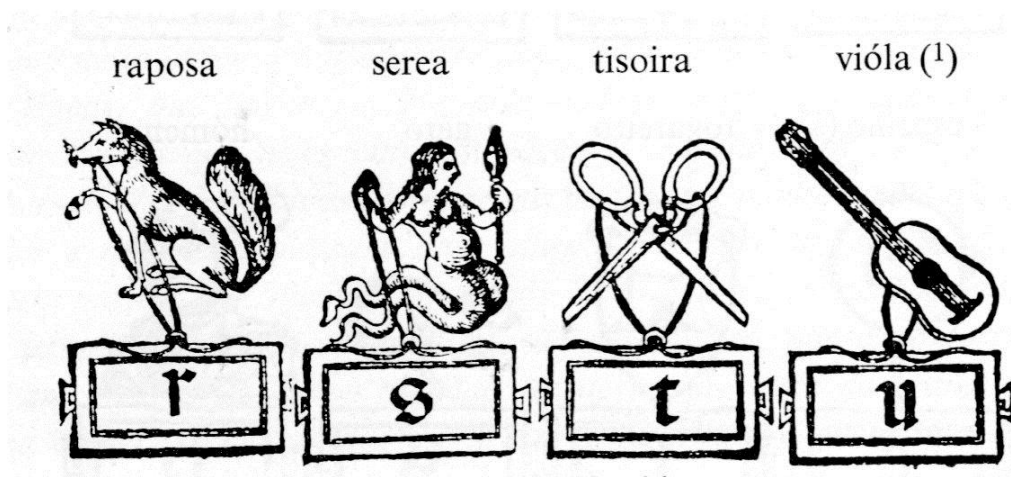
Pai – E tu que lhe respondeste?

Filho – Que fosse a esse tratado à parábola do levita e fariseu [...]” (Barros, 1971: 436)

João de Barros deve-se ter muitas vezes perguntado quem era o seu auditório, para quem escrevia ele, afinal, no seu século. Encontramos amiúde alguma tensão do esforço persuasivo, estirado entre a incerteza da compreensão das suas intenções filosóficas e a certeza da eficácia das emoções por elas geradas: teria “tanta potencia a forma de qualquer cousa, que em muita ve[n]ce á materia, por excellent que seja” (Barros, 1628: Prologo, xvii). Tensão existente ainda nos géneros “históricos”, onde o amor à verdade surpreendentemente convive com o amor ao fabuloso. A segunda parte do Prólogo da *Décima III* é um rasgado elogio à Literatura, não menor do que aquele que é feito à História, na primeira parte: a Literatura dava “na doçura da Fabula o leite da doutrina” (Barros, 1628: xviii). Neste campo, Pina Martins sublinha a novidade de Barros, que lhe parece adiantar-se a Vico, por se aperceber da potencial veracidade do mito e da ficção (Morus, 2006: 76). Refiram-se ainda algumas passagens das próprias *Décadas da Ásia* (1552-1563, 1615) sobre a fingida inocência literária de algumas obras do seu tempo. Tal é o caso daquela que é uma das primeiras referências em Portugal à *Utopia* de Thomas Morus. E vivendo nós ainda numa nomenclatura que tantas vezes define a *Utopia* como “coisa impossível”, admiramos ainda mais a sagacidade de João de Barros, que a vê como fingimento...:

a *Utopia* não é uma impossibilita: antes uma “Fabula moderna”, com que Morus quis “doutrinar os Ingreses [sic] como se avião de governar” (Barros, 1628: xviii).

A *Cartinha e Gramática* de João de Barros será outro exemplo do poder da imagem e da linguagem alegórica. Devemos talvez ler a *Gramática* (1540) como uma obra que tem evidentes estratégias pedagógicas, que passam invariavelmente pelo triplo desafio retórico de instruir, mover e deleitar. João de Barros desejava que com a sua *Cartinha* (Cartilha) e *Gramática* se passasse a ensinar a “linguagem” portuguesa aos estrangeiros, nomeadamente aos meninos das terras longínquas onde os portugueses se tinham instalado. Parece-nos desmerecido que quase ninguém valorize este olhar empático de João de Barros, construído a partir do olhar do estrangeiro e da criança, entidades que a ideologia (daquela época?) tantas vezes silenciava. Veja-se a delicadeza do diminutivo, “Cartinha”, já apelativa para gente também pequena. A *Gramática* de João de Barros afeiçoa-se à natural curiosidade lúdica da criança. Está cheia de ilustrações para que elas se sintam atraídas pelas figuras como na vida se sentem atraídas pelos objetos; e só depois ela lhes dá as letras e as palavras (ligadas às imagens), apresentadas como se elas todas fossem cartas de um jogo, entre a realidade comum e a fantasia improvável:



Esopo explicava a resistência da terra à semente introduzida pelo homem, com a naturalidade com que os terrenos acolhiam as ervas que nele naturalmente nasciam: por isso a planta selvagem se criava melhor que a planta teimosamente cuidada pelo

hortelão. E Barros usa a frase de Esopo como imagem, para justificar a resistência dos meninos dessas terras distantes, compreensivelmente avessos aos rigores da aprendizagem e ao ensino da língua portuguesa. Necessariamente o que se lhes desse havia de ser tão natural e doce quanto a Natureza-Mãe:

“e os mininos desses reinos por lhe ser madre e não madrasta, madre e nam ama, nossa e nam alheia, com tanto amor receberám os preceitos déla, que quando forem aos da gramática latina e grega, nam lhe serám trabalhosos os que cada ua destas tem” (Barros, 1971: 240).

Dirigido inicialmente a essas crianças, a *Gramática* procura servir em geral o ensino dos adultos, ainda que também o do príncipe, *ad usum delphini*, que também o príncipe é uma criança e também para ele escreveu João de Barros:

“Que importa o meu trabalho ao príncipe nosso senhor começar d’aprender, pois tem preceitor de vida e letras que lhe ordenará os princípios conformes à magestade do seu sangue? Nem por eu ter dirigido a su’alteza o trabalho que dizes, devo esperar mais que, por me fazer mercê, o mandar examinar; e sendo taes, que possam aproveitar aos mininos, mandará que se leam em as escolas” (Barros, 1971: 390).

M. Severim de Faria afirma que o Infante Filipe, filho de D. João III, aprendeu a ler pelo método de João de Barros, ainda que depois a cartilha tenha corrido com erros e erradamente com título do precetor, João Soares, depois inquisidor e Bispo de Coimbra (cf. Barros, 1953: 27, Boxer, 2002: 84). Mas a abrangência do público visado por João de Barros e a unidade do seu plano pedagógico ficam de certo modo confirmados pelo modo como se acaba a edição da *Gramática*, com um *Diálogo em louvor da nossa linguagem*. Duzentos anos depois, ainda Luís António Verney, no *Verdadeiro Método de Estudar*, sugeria quase o mesmo, alertando para o inconveniente da aprendizagem da gramática começar em Portugal pela latina. Repare-se entretanto na mudança dos narratários...

“Filho – Nam se poderia insinar esta gramática portuguesa aos mininos, na escola de ler e escrever, pois é tam leve de tomar, e daí iriam já gramáticos para a latina?

Pai – Nem todolos que ensinam a ler e escrever, nam sam pera o oficio que têm, quanto mais entendê-la por crara [sic] que seja. E ainda que isto nam seja pera ti, di-lo-ei pera quem me ouvir, como homem zeloso do bem comum. Ua das cousas menos olhada que [h]á nestes reinos, é consistir em totalas nobres vilas ou cidades, qualquer idiota e nam provado em costumes de bom viver, poer escola de insinar mininos. E um çapateiro, que é o mais baixo oficio dos macânicos [sic], nam põe tenda sem ser examinado. E este, todo o mal que faz é danar a sua pele e nam o cabedal alheio. *E maus mestres deixam os discípulos danados pera toda sua vida [...]*” (Barros, 1971: 406-7, itálico nosso).

É certo que se celebrará na Europa a novidade da *Didática Magna* do checo João Amós Coménio, “tratado da arte universal de ensinar tudo a todos”. Também Coménio escreveu para crianças os seus *Violarium*, *Rosarium*, *Viridarium*, *Labyrinthus*, *Balsamentum* e *Paradisus Animae*, ou a Escola do Regaço Materno, no início da década de 1630. Ou ainda do *Orbis sensualium pictus* (1657) que através de imagens, ensinasse o sentido das palavras às crianças. Também Coménio sabia do poder do teatro, dos diálogos e da evocação dos sentidos para cativar os alunos. Mas estamos a falar de obras que foram escritas quase um século depois das de João de Barros. E não podemos esquecer que a celebridade europeia de Coménio se deve, em parte, ao facto de ter procurado com elas facilitar o ensino do latim, língua franca (Coménio, 1976: 29).

João de Barros muito menos modelos teve. E se há momento em que nasceu a Literatura Infantil portuguesa talvez tenha sido aqui, com estas palavras de João de Barros, sobre livros leves, imagens pequenas e ideias grandes. Aqui, ou nos outro dois livros igualmente editados em 1540: o *Diálogo da Viciosa Vergonha* e o *Diálogo com dous filhos seus sobre preceptos moraes em forma de jogo*, a que talvez se juntaria um livro sobre o “sim” e o “não” (cf. Barros, 1971: 390-1).

O *Diálogo da Viciosa Vergonha* – referido já no Prólogo da *Cartinha e Gramática*, e no *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, aquele “que tu e eu o outro dia composémos” (como diz paritariamente o pai a seu filho, cf. Barros, 1971: 390) – devia ler-se depois da *Gramática*: “Porque depois que os mininos saem das leteras, que é o leite da sua criação, começam a militar em costumes para que lhe[s] convêm armas mais convenientes aos vícios naturaes de sua idade” (Barros, 1971: 412). Barros só achava prejuízo no facto de exercitarem a leitura e consolidarem o conhecimento da ortografia com os textos dos tabeliães, sobre “causas criminais e trapaças civis” (Faria, in Barros, 1953: 28). O *Diálogo* em causa, por antítese, reproduz um diálogo com seu filho António, e começa de uma forma banal, como quem não quer a coisa...

“- Vem cá, António, vai á minha livraria e traze uns cadernos numero quinze, que estam na estante segunda, na parte número seies” (Barros, 191971: 413)

Vai depois o pai puxando a conversa, introduzindo o menino, lentamente e pela rama, em terminologias cada vez mais abstratas:

“Que quer, senhor, dizer ‘de causas’, porque ainda nam ouvi tal titolo?” (ibidem) [...] “O outro dia estava meu mestre lendo um tratado de Plutarco, cujo titulo também era da viciosa vergonha” (Barros, 1971: 414).

Mas mais artificioso nos parece ser o *Diálogo com dous filhos seus*, pois o tema é um corpóreo jogo de virtudes que inventou para entreter António e Catarina “em dia de festa”, quando “os negócios do officio me dam logar a ter oras próprias”, havendo Catarina de o ensinar à Infanta Dona Maria. À semelhança daqueles filósofos que bem viam “quam rudos & frios os homens andavam em conhecimento de si mesmo, e no fim pera que foram criados”, buscou ele também “artificio como perpetuamente lhe[s] ficasse na memoria esta doutrina de bem viver” (Barros, 1981: 2-3). Manuel Severim de Faria dá alguns pormenores:

“vendo como os homens ocupavam o mais do tempo jogando, inventou um jogo de tábuas, a que reduziu as éticas de Aristóteles, [...] e o dedicou à Infanta Dona Maria, princesa que foi depois de Castela, a qual o jogava com el-Rei D. João muito

destramente, segundo ele afirma em várias partes. E teve a intenção de pôr a *Económica* também em jogo de cartas, e a *Política* no enxadrez, por estes três jogos serem os mais comuns [...]. Mas vendo os poucos que se afeioaram ao primeiro, deixou de sair a luz com os outros” (in Barros, 1953: 30)

Inspiração, tê-la-ia colhido ele em muitos e especificamente em ninguém. Diz ele que se inspirou nos que inventaram provérbios e máximas, fábulas (como Esopo) ou ficções (como Homero e Apuleio, de tão distintas maneiras. Na pintura da tábua das virtudes, de Cebes ou Cebetes. Mas ainda nos que trataram da Ética à maneira de Xenofonte, que pintou no rei Ciro, todas as perfeições que deve ter um príncipe. Uma vez mais, redescobrem-se as “inocentes” estratégias que João de Barros tinha utilizado na juventude, ao escrever a *Chronica do Emperador Clarimundo...*: como Xenofonte, Barros teria visto “que as palavras nuas nam eram o jeito tam efficaz como a pintura, por ser material & mais familiar da memoria” (Barros, 1981: 3). Como Tácito ou Plutarco, teria refletido na força persuasiva de um capítulo de aventuras que termina com uma sentença moral: sem dúvida que os procedimentos de Tácito subjazem a muitos dos capítulos da *Chronica* (cf. Braga, in Barros, 1953: XLIII) ou os de Plutarco a alguns diálogos (cf. Osório, 2001: 143). As relações entre a imagem e a palavra, a metáfora e o sentido conotativo, a fábula e a verdade moral são assim vistas como elementos constitutivo de um jogo, cuja maior novidade é o tornar-se também ele corpóreo (com um tabuleiro, cartas, fichas, movimentos, palavras que o jogador tem de pronunciar, ritualmente).

Não curamos aqui das regras do jogo das virtudes. Algumas se compreenderão somente de tabuleiro aberto. Mas importa-nos averiguar as regras que podem abranger, de forma especular, o próprio jogo que é o uso da literatura. Tal jogo parece ir sendo caracterizado por vários saberes, progressivamente adquiridos:

A brevidade das regras é fundamental: porque “as pessoas que am-de jugar ante sua alteza, por serem de claro sangue, nam terám assim desocupada memoria que se queiram dar a compridas regras” (Barros, 1981: 5);

A resposta às questões sobre a matéria, as virtudes moraes, há de ser dada durante o jogo, pelo jogo e somente àqueles que jogam: essa é a matéria do nosso jogo” (Ibidem);

O desenho de uma forma reconhecível do jogo é essencial para ativar a curiosidade e a memória: “e porque minha tençam é, per fabrica material, darvos doutrina moral pera vos melhor ficar em memoria, quero pintar hua árvore em que vejaes a ordem & processo [...]” (Barros, 1981: 6); também as qualidades estarão inscritas em moedas brancas e os vícios nas escuras (Barros, 1981: 40);

Todo o jogo deve colocar alternativas, contrapor situações ambíguas: aqui, sendo a coluna central formada pelas virtudes morais, recua-se ou avança-se respetivamente pela coluna dos defeitos ou das qualidades para as raízes (vida deleitosa natural) ou para o ramo superior (fruição divina);

É a inquirição feita sobre as regras do jogo que leva ao conhecimento teórico do jogo. Isso se verifica aqui nas reflexões sobre o valor negativo ou positivo, excessivo ou omissivo, das diferentes virtudes, sendo a copa da árvore o ponto de equilíbrio e o caminho mais curto: *in medio virtus* (Barros, 1981: 10 ss.);

O não entendimento das regras é suprido pelo entendimento dos exemplos das regras: “ – Nam entendo os termos. – pera os exemplos os entenderás” (Barros, 1981: 16);

Todos os jogadores partem com iguais possibilidades, embora não com as mesmas fichas (Barros, 1981: 40);

Em certo sentido, a literatura moral, e a literatura infantil em particular, ao ter como intenção primeira a formação da criança, tem necessidade de ponderar o valor da estética enquanto valor retórico: quanto mais não seja porque o escritor usa conscientemente a força emotiva da linguagem para persuadir o leitor, a um nível e numa idade em que essa força do emissor raramente é racionalizada pelo recetor. Tarefa aliás difícil, até para os raciocínios mais atentos. Porque a Literatura constrói

memórias impressivas, distraíndo; e persuade, deixando que o recetor se responsabilize pela resposta à questão que lhe foi colocada. Em modo de jogo. Talvez somente “em modo de”, fingindo sempre, fingindo até que é um jogo.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ARISTÓTELES (1986), *Poética*, ed. Eudoro de Sousa, Lisboa, IN-CM

BARROS, João de (1628), *Década Terceira da Ásia*, Lisboa, Jorge Rodrigues.

Disponível online:

[http://books.google.com/books?id=np9YfjUT_WkC&printsec=frontcover&dq="joão+de+Barros"+Decadas+da+Asia&hl=pt-PT&ei=4C7UTubkDsKZ8QPkkrylAg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=6&ved=0CEwQ6AEwBQ#v=](http://books.google.com/books?id=np9YfjUT_WkC&printsec=frontcover&dq=)

BARROS, João de (1952), *Ropica Pnefma*, ed. I. S. Révah, Lisboa, Instituto de Alta Cultura.

BARROS, João de (1953), *Clarimundo*, prefácio e notas de Marques Braga, com “Vida de João de Barros”, de Manuel Severim de Faria, 3 vols., Lisboa, Liv. Sá da Costa.

BARROS, João de (1971), *Gramática da Língua Portuguesa. Cartinha, Gramática, Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha*, ed. M. Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, FLUL.

BARROS, João de (1981), *Diálogo com Dois Filhos seus sobre Preceitos Morais em Modo de Jogo*, ed. facsimilada, Lisboa, Biblioteca Nacional.

BOXER, Charles R. (2002), *João de Barros. Humanista Português e Historiador da Ásia*, [Lisboa], CEPESA.

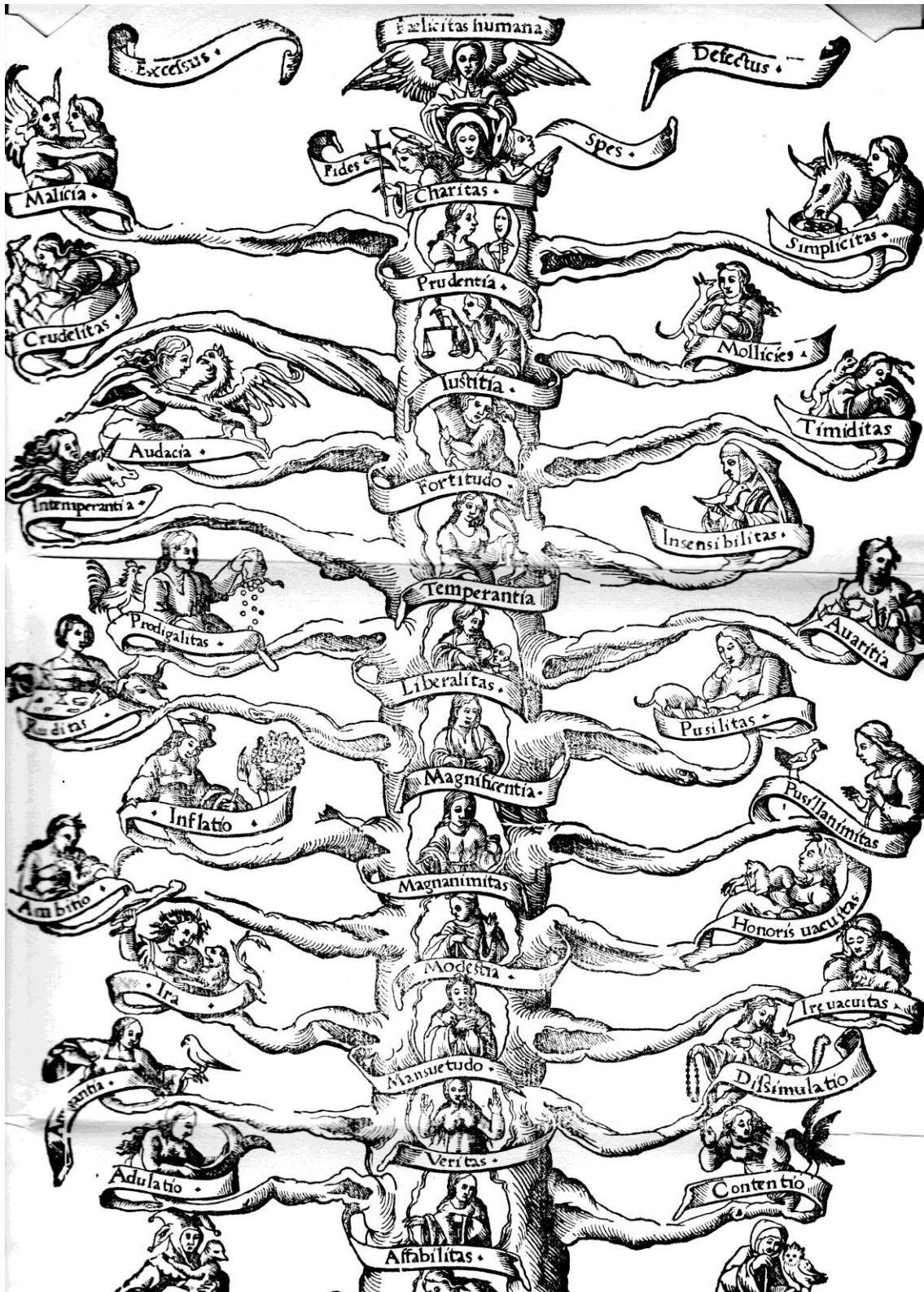
CHARTIER, Roger (1990), *As Práticas da Escrita*, in “História da Vida Privada. Do Renascimento ao Século das Luzes”, dir. Ph. Ariès e G. Duby, Porto, Afrontamento, pp. 113-161.

COMÉNIIO (1976), *Didáctica Magna*, ed. Joaquim Ferreira Gomes, Lisboa, F. C. Gulbenkian.

MORUS, Thomas (2006), *Utopia*, introd. Pina Martins, ed. Aires A. Nascimento, Lisboa, F. C. Gulbenkian.

OSÓRIO, Jorge A. (1992), *Aspectos da narrativa em João de Barros e em Bernardim Ribeiro. Um confronto*, in “Mathesis”, Viseu/ CRV, n.º I, pp. 35-54.

OSÓRIO, Jorge A. (2001), *Plutarco revisitado por João de Barros*, in “Ágora. Estudos Clássicos em Debate”, n.º 3, Aveiro, pp. 139-155.



A LÍNGUA E O CONHECIMENTO: UM PASSEIO PELA MEMÓRIA

Lúcia Helena Lopes de Matos

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

RESUMO

A atribuição de sentidos em uma língua depende da memória armazenada nos espaços mentais de sujeitos sociais, sendo os significados construídos pelos participantes de um jogo marcado a priori pela história e pela ideologia. O sujeito é o centro de um processo em constante redefinição, já que os sentidos são gerados (a) levando em conta a bagagem cognitiva acumulada na memória que transita entre a inovação e o coletivo, e (b) pelos multitextos do universo discursivo de cada um dos integrantes da relação comunicativa. As variáveis na regra do jogo atuam para que os usuários construam tanto uma representação de texto quanto todo um contexto sociodiscursivo.

É importante, então, que, como professores e pesquisadores de linguagem, formemos pessoas capazes da autoconstrução do conhecimento e críticos o suficiente para tecer outra história, cuja autoria leve a marca da identidade.

Palavras-chave: memória social, linguagem, significados, conhecimento

LANGUAGE AND KNOWLEDGE: A TOUR ACROSS MEMORY - ABSTRACT

Meaning generation in a language results from knowledge mentally stored by social subjects; that is, from meanings generated with a priori historic and ideological marks of their users. The subject lies at the center of a dynamic game of meaning generated on the basis of [a] the cognitive storage in memory, which moves between innovation and a collective subjects; and [b] the multi texts at play in a wider discursive context . Players work on incoming variables to the rules in order to build not only text representation but also a wider social discursive context. Therefore, commitment to language scholarship and teaching requires enabling language users to sort out subjection to language from possibilities to leave their fingerprints on a story of their own.

Keywords: social memory, language; meaning; knowledge.

O estudo dos processos de construção do conhecimento veio abrir um amplo campo de investigação que precisa do aporte de diferentes disciplinas para explicar o que ainda permanece como anseios do homem. O conhecimento demanda esforço e uma prontidão para as significâncias do mundo; daí podermos dizer que aprender é andar, saindo de um ponto zero e seguindo por um caminho em espiral, cujo diâmetro vai aumentando à medida que alargamos nossas experiências. É entendendo os miúdos da vida, sua concretude, suas leis físicas e biológicas, automatizados pela banalidade do uso, que podemos dimensionar o que não está ao acesso dos olhos e da razão. Dessa forma, vamos amadurecendo as estruturas que permitem fazer as relações para além do referencial.

Esse lento se fazer para crescer é o próprio movimento da natureza observável nos movimentos de construção do sujeito como ser cultural. Precisamos ler a cartilha para ler o mural e daí ler o manual, o receituário, o jornal; ler a carta de amor e a troça de humor; a história em quadrinhos e o quadro de arte; a publicidade mercadológica e a propaganda eleitoral. Enfim, precisamos aprender a ler a vida que se tece em textos cujos “vazios” serão preenchidos por nossa criação. Somos criadores e criaturas num mesmo texto.

No entanto, não há texto literal, tudo é e não é, o direito tem o avesso e por trás do aparente há a metáfora revestida em linguagem sempre à deriva.

Esse é o trabalho que sedimenta o caminho para entender o que é básico em sua essência e que vai ser conhecido não só como enigma, mas também como experiência sedimentada na memória a partir da nossa percepção corpórea, dos nossos movimentos espaço-temporais, do que vimos, ouvimos, falamos e lemos, ou seja, da nossa interação físico-psíquico-social; ou seja, de tudo que transformamos em conhecimento e armazenamos em domínios cognitivos resgatáveis pela memória no momento que precisamos facilitar o difícil, nomear o indizível, sintetizar o analítico.

Segundo essa perspectiva, somos a soma de nossa herança biológica, social e histórica, sendo através da linguagem e da cultura que nos constituímos em seres cognoscentes. Logo a língua é mais do que instrumento de conhecimento; é constitutiva dele.

Existe, por um lado, uma língua subjetiva ou “imaginária” que corresponde à fixação do sistema; e, por outro, uma língua que se realiza concretamente sem amarras e que está discursivamente marcada pela historicidade e pela maneira como seus falantes se constituem, ao mesmo tempo que atribuem os significados. Assim sendo, a língua é incubadora da identidade, reproduz significados que se deslocam afetados pela memória e é submetida ao movimento da ideologia imposto pela história, estando, portanto, atrelada a aspetos políticos e éticos.

A produção do conhecimento e a formação do “sujeito social”, no nosso caso o brasileiro, passam, segundo crê Eni Orlandi (2002: 16), pela maneira como a língua é ensinada, como se trabalha a questão da cidadania – os aspetos identitários da nossa brasilidade – e como a memória coletiva se constrói na dialética do lembrar e do esquecer.

Dois discursos podem trabalhar com os mesmos elementos semânticos e revelar duas visões de mundo totalmente diferentes, por exemplo, uma positiva e uma negativa. Um texto oral ou escrito pode revelar valores que determinam a legitimidade do saber do poder ou da submissão. Por exemplo, a palavra medo varia de sentido no tempo e no espaço, dependendo do contexto histórico-social em que circule. Certamente, nos anos difíceis da ditadura, para os ativistas políticos não era o mesmo que hoje assume para a população dos grandes centros, a qual vive ameaçada pela violência urbana. Assim como o nacionalismo pregado naquela época pelos militares do poder não era o mesmo que se cantava na música popular brasileira de resistência.

O caráter referencial da língua com a intenção de apreender o real é questionado na medida em que esta verdade é sempre uma máscara que encobre as “ordens discursivas que regem o que deve ser dito e o que deve ser calado e os próprios sujeitos não estão isentos desses efeitos” (COSTA, 2000: 32). É instrumento de poder e sujeição tanto em esferas micro quanto macrossociais. A verdade pode ser manipulada por sistemas conceituais representados por metáforas usadas por lideranças políticas, religiosas, empresariais e midiáticas.

Etimologicamente, indivíduo é o eu indivisível; hoje, no entanto, esse valor etimológico se perdeu, e o indivíduo é um sujeito polifacetado, pertencente, na grande

maioria, a comunidades linguisticamente pluralistas e assujeitado a um discurso globalizante, discurso esse que está a serviço de uma ordem que estabelece a ambiguidade tanto no aspeto pessoal quanto social.

Os sujeitos estão em constante processo, num redemoinho de informações que resvala para o campo dos significados. A política, a economia, as ciências, as artes saem do círculo fechado dos privilegiados e encostam no cotidiano do cidadão comum, com uma vitalidade terminológica que atravessa as fronteiras do regional, do nacional para intercambiar as experiências afetivas (que afetam) do sujeito. A novidade muito rapidamente se espalha e entra na esfera do convencional, perdendo o caráter de excecionalidade. Tal dinamismo é tão surpreendente que a memória vai iluminando e apagando conceitos e imagens numa velocidade que ressignifica nosso entendimento de tempo e espaço.

As ciências humanas já deram conta tanto de que vivemos em um mundo ideologizado quanto de que o homem vive a angústia da fragmentação e da evanescência do conhecimento imposto pelas instituições político-culturais. É premente incitar os indivíduos à suspeita e instigar a curiosidade, chegando ao ponto ideal de abstrair situações que se lhes apresentem como unívocas. Urge encontrar saídas para a crise da contemporaneidade.

Felizmente não é só no texto escrito em que se instauram os sentidos. O mundo é um texto que alguns leem intuitivamente e atribuem significados, ficando então esses leitores aptos a interpretar o seu assujeitamento, o que os levam, assistematicamente, a desenvolver tanto a capacidade crítica de se indignar em relação ao status-quo, quanto a capacidade de reescrever um outro texto para a história.

Já que os significados podem se estabelecer no “espaço dialético dos antagonismos, da contradição” (SOARES, 1995: 28) e já que a linguagem não é só representação nem só interação comunicativa, mas é o lócus da construção dos sujeitos e dos sentidos, resta ainda a possibilidade de construir cognitivamente mundos possíveis. A linguagem não serve como espelho dos pensamentos articulados na memória, ela filtra-os; e a história já provou que é viável subverter a ordem e

descobrir novas relações que permitam ao homem atuar sobre a natureza e modificar o seu curso.

No espaço social privilegiado em que nos encontramos, com acesso aos mecanismos de competência para a produção de textos mais polissêmicos e menos parafrásicos, próximos, tanto do pólo científico quanto do didático, precisamos ter consciência de que essa é uma prática de complexas funções as quais nos habilita a pensar, refletir, interpretar e criar novos modelos, já que em outros níveis também somos determinados por ideologias outras.

Ainda na esteira da reflexão, podemos levar, também, nossos alunos a avaliar que seu aprendizado pode ser definido por um processo de identidade através da língua/discurso cujo processo de significação é deslizante e acionado por uma memória semântica que, processada pela história, pode operar construtivamente na ressignificação de outros textos.

Esse mecanismo exige sujeitos não engessados em convicções pré-estabelecidas e cuja memória, discursivamente construída no social, se estabeleça com espaço de desdobramentos e polêmicas, a fim de resultar o conhecimento de língua que o conduzirá à reflexão entre unidade e dispersão, variação e sistema. Estabelecem-se, dessa forma, os conceitos de identidade e diferença, que se organizam signitivamente no seu espaço interno e na alteridade com o Outro.

É na práxis que as estruturas vão se consolidando na tentativa de nomear, “identificar, segmentar, distribuir e combinar as unidades de diferentes níveis que compõem a gramática das línguas” (CHIAVEGATTO, 2002:167) em uma rede de correlações.

A língua é constituída pela memória dos usos em cuja diversidade vigoram vozes que embutem, além dos proferidores, as condições de proferimento, constituindo virtualidades para se fazerem ouvir em circunstâncias diversas e servirem de esteio para a produção e interpretação de novas representações. Como diassistema, comporta inúmeros outros sistemas prenes de “micromundos, quadros, cenários – culturais, sociais, religiosos, regionais, ideológicos, profissionais, etários e

outros – que ficam plasmados e memorizados nas unidades lingüísticas” (FONSECA, 1991: 276). É a agregação de todos esses elementos ao sistema que vai dar forma aos discursos, que por natureza são polifônicos e dialógicos, na medida em que pressupõe uma interação entre o EU e o TU. Dessa interação emerge a alteridade e a intersubjetividade, não podendo, portanto, nenhum desses interlocutores (EU e TU) se fecharem em si mesmo, pois esse espaço interacional é um lugar de troca e relações polêmicas ou contratuais.

Produzimos linguagem como forma de expressão e comunicação, e nenhuma prática linguística é ingênua ou casual, mas é antes de tudo uma atividade crivada de pistas que orientam os recetores e despertam, num exercício automático, os conhecimentos acumulados ao longo da história de cada um. É, pois, tanto no aspeto da produção quanto no da compreensão, um conjunto de estratégias cujo emprego deve levar em conta que os sujeitos envolvidos no jogo da interlocução não se limitam mais ao autor/locutor e recetor/alocutário. Deve-se, ao contrário, considerar que os participantes de uma determinada formação discursiva se multiplicam em papéis diferentes, dependendo da imagem que cada um faz do outro. Assim é possível para o emissor representar, projetar virtualmente o seu recetor e traçar estratégias específicas para atingi-lo; já ao recetor cabe imaginar o seu parceiro nesse jogo, o lugar que ele ocupa, as estratégias que utiliza, a maneira como enfoca o assunto. Dependendo do cenário histórico-social em que um discurso se atualiza, todos esses papéis se alterarão, havendo, conseqüentemente, uma mudança enunciativa e uma substituição de sujeitos.

A racionalidade, o positivismo cartesiano são, hoje, mitos do passado e o homem acaba por aceitar a sua condição determinada por agentes nem sempre visíveis, sabendo, entretanto, que os discursos oriundos de uma memória legitimada pela cultura/ideologia devem, na medida do possível, passar pelo crivo da crítica para que se tenha uma compreensão de mundo menos ingênua. Além do mais, essa perspicácia para ler o mundo, a sua própria vida, os aspetos cotidianos que estão rotulados pela cristalização pode levá-lo a uma prática transformadora da realidade e capacitá-lo para a produção de um texto mais autoral no seu universo social.

Quando se sabe que através da língua se utilizam estratégias argumentativas para afetar o Outro, já se entra no jogo da linguagem com um olhar mais arguto, canalizando a atenção para os fatos da língua, buscando as marcas de orientação para os implícitos e o nível semântico subjacente à superfície linguística.

Enfim, esse é o usuário da língua que queremos formar. Como sempre haverá armadilhas capazes de nos capturar, alunos e professores também trocarão de papéis, pois estarão sempre em constante processo, num constante devir. O estudioso da língua deve se formar alerta para a fluidez e a permanência do discurso, segundo Oliveira e Orrico (2005: 87), e para a linha tênue entre o individual e o social, pois é aí, na língua, que se desvelarão as “construções identitárias e culturais que nações, grupos, povos e comunidades projetaram para si, no presente e para os demais no futuro.” (idem,2005:87).

BIBLIOGRAFIA CITADA:

BIRMAN, Joel (2000). “Subjetividade, contemporaneidade e educação.” In CANDAU, Vera Maria (org.). *Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender - X ENDIPE*. Rio de Janeiro: DP&A.

CHIAVEGATTO, Valéria Coelho (2002). “Gramática: uma perspectiva sócio-cognitiva.” In CHIAVEGATTO, Valéria Coelho, org. *Pistas e travessias II*. Rio de Janeiro: Eduerj

COSTA, Marisa Vorraber (2000).” Sujeitos e subjetividades nas tramas da linguagem e da cultura.” In CANDAU, Vera Maria, org. *Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender - X ENDIPE*. Rio de Janeiro: DP&A.

FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO E. G. D. (2002). *Linguagem, Identidade e Memória Social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP&A.

FONSECA, Joaquim (1991). “Heterogeneidade na língua e no discurso”. *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II série, v.7, p. 261-304.

HALBWACHS, Maurice (2006). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.

OLIVEIRA, Carmen Irene Correia de; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill (2005). "Memória e Discurso: um diálogo promissor." In GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera, org. *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ORLANDI, Eni P. (2002). *Língua e conhecimento linguístico: Para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez.

SILVA, Augusto Soares da (2002). "Porque e como é que surgem novos significados? Prototipicidade e eficiência cognitiva e comunicativa." Separata do livro *História da Língua e História da Gramática*. Atas do encontro. Coleção Poliedro 11. Braga (PT).

SOARES, Magda Becker (1995). "As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto." In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura, Perspetivas interdisciplinares*. São Paulo: Ed. Ática, p. 18-29.

Contos
para crianças

Stories for
Children

LENGA-LENGA DE LENA, A Hiena

Ana Luísa Amaral

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Ilustração de Filomena Vasconcelos



Havia uma hiena...

Chamava-se * * * *

Chamava-se como?

Não percebo bem aquilo que dizes.

Seria Beatriz?

Eu acho que não.

*Beatriz é nome de águia ou de perdiz,
não nome de bicho que vive no chão.*

Podes repetir,

dizer outra vez o nome da hiena?

Havia uma hiena,

chamava-se * * * *

Chamava-se como?

Não consigo ouvir.

Achas que era Aurora?

Eu acho que não,

*Aurora é de fada, é nome de luz,
não nome de bicho que é feio e é escuro.*

Não gostas de Aurora?

Eu tento outra vez.

Havia uma hiena,
chamava-se Lena.

De Lena já gosto!

E era mesmo Lena
o nome da hiena,
que era escura, sim,
e muito bonita.

Havia uma hiena,
chamava-se Lena,
tinha a pele morena, a pata pequena
e um ar tresmalhado

(que o mesmo é dizer: desorientado),
quando passeava em passo discreto
sobre o meu telhado.

*Que coisa tão estranha
um bicho que tem casa na savana
viver num telhado.*

*Viver entre telhas e ervas pequenas
que despontam breves
à chuva e ao sol!*

Mas ela vivia sobre o meu telhado,
e era costumado
eu ouvir-lhe os passos
e uma gargalhada
que quase parecia que ou ela se ria,
ou cantava o fado
(canto mais usado para se chorar).

*Deve ser bonito ouvir uma hiena
que se chama Lena
a saber cantar.*

Era bem bonito.
Mais bonito, às vezes,
quando eu descansava, tomando café
na minha varanda,
e via-a em cima, de pata pequena,
e a sua cabeça a aparecer em cena.

«Boa tarde, Lena!», dizia então eu,
ou «Muito bom dia!»,

conforme era a luz.

Ela não falava,
só me observava com olhos molhados,
que me pareciam imensos e tristes.

Um dia de verão,
veio para jantar um amigo meu.

Chamava-se Júlio,
era um crocodilo,
vinha de outra história,
mas como a memória é feita de sonhos
e coisas reais,
o Júlio que à altura vivia num livro
muito arrumadinho na sala do lado,
sentiu o cheirinho do meu cozinhado:
compota de figos
que eu fazia então.

*Compota de figos
eu nunca provei,
Mas gosto de Júlio para crocodilo,
Mostras-me esse livro
onde o Júlio vive?*

Mostro-te depois.
Queres ouvir agora
o resto da história?

É claro que sim!

Vou continuar.
Lembro-me do Júlio,
do dia de verão, de sol e calor,
em que ele, de pata muito bem alçada,
bocarra mais larga
que de imperador,
saltou satisfeito do livro onde estava,
e veio visitar-me.

Cheiravam-lhe bem
os figos maduros,
já quase compota na minha cozinha.

E Lena, a hiena?

Onde estava ela?

Seguindo atrás dele, apareceu a Lena,
a pata morena,

a boca pequena e um ar desvairado.

Sentou-se a meu lado,
com o Júlio ao pé.
E logo os pés dela romperam velozes
num sapateado mais de cabaret
do que de telhado.

Como ela dançava
e como cantava.

Mas o canto era
diferente da dança
que fazia crer que estava feliz.

O cantar da Lena mais se parecia
a fado ou a pranto,
coisa de chorar.

O Júlio sorria,
boca escancarada,
enquanto espreitava sobre o ombro dela
para os frascos largos
onde, muito doces, os figos luziam
a cheiros e cores

de muitos sabores.

O olho do Júlio brilhava, verdinho,
como uma esmeralda,
e o dente branquinho lembrava um pirata,
pelo cintilar.

E também o Júlio se pôs a cantar,
e chamou a Aninhas,
que era uma formiga
que nós conhecíamos,
o Júlio e eu.

E a Aninhas chegou
até à cozinha
e juntou-se à Lena,
ao Júlio e a mim.

Acho que conheço a formiga Aninhas.

É essa a formiga

que é mais conhecida

por 'formiga azul'?

Aquela que tem antenas pequenas

e muito bem feitas?

E patinhas frágeis,

leves e bonitas?

Sim, é essa Aninhas,
a que, na cozinha,
passeando ao lado dos cubos de açúcar,
ao ver o meu dedo a querer-lhe bater,
dizia a cantar:

«Também a formiga
tem direito à vida».

Tens toda a razão,
é essa formiga!

*E a Lena, a hiena,
porque era o seu canto
diferente da dança?
Falava de quê a canção da Lena?*

A Lena cantava uma canção triste
com chorar de dentro cheio de nostalgia.
É que eram saudades
o que ela sentia
da sua savana.

Porque comparar savana a telhado
é quase um pecado,
é mesmo um assunto
de fazer chorar.

Que o telhado é raso
e a savana, mesmo
sendo também rasa,
quase sem montanhas,
é um lugar pleno, cheio de animais,
e onde o sol-pôr
se põe muito mais.

E era desses cheiros cheios de calor
que as suas saudades cresciam em canto.
Cantava, portanto,
uma canção triste,
falando da falta de tantos amigos:

O Leão Leonardo,
o Luís Leopardo,
o Puma Patrício,
a Chita Bonita,
a Zebra Riscada,
a Garça Galante,

de asas como oiro
e um ar interessante.

Disto ela cantava.
Que mais queres saber?

*O que aconteceu?
A Lena fugiu?
Foi para a savana?
Apanhou boleia de uma caravana,
ou de alguma águia
que passava ali sobre o teu telhado?
Que foi feito dela?
O que aconteceu a Lena, a Hiena?*

E se eu te disser
vais acreditar?

Prometo que sim!

Então, vou contar.

No fim dessa tarde,
já muito cheiinhos de figos e figos,
e depois de o Júlio

ter voltado ao livro,
e de a Aninhas ter voltado ao poema
onde tinha o nome de 'formiga azul',
passou por debaixo da minha varanda,
vinda não sei de onde,
mas de longe vinha,
um grande animal.
Sabes o que era?

Era um hipopótamo?

Um rinoceronte?

Seria um chacal?

Era uma girafa
de pernas compridas e olhos tão macios
que pareciam fios
bordados de tule.

Parou ali mesmo.
E ficou parada,
de pescoço alçado na minha varanda.
E como o pescoço era muito longo,
passava a varanda,
chegando ao telhado.

Ao fundo da rua,
estava toda a gente meio embasbacada:
onde já se vira no meio da cidade
um tal animal?

Se fosse um cavalo,
um cão, ou um gato...
Mas uma girafa?
Onde se viu tal?

Mas falas verdade?

Era uma girafa?

Era, sim senhor!
Juro que é verdade!
Era uma girafa
no meio da cidade,
parada por baixo da minha varanda.

E não tinha nome?

Eu chamei-lhe Armanda,
mas não sei se o nome
era mesmo o dela.
Só sei que na altura em que ela parou,

a cabeça alçada chegando ao telhado,
ouvi grandes risos
vindos lá de cima,
e um sapateado tão forte e tão belo
que se via ser de grande alegria.

Era Lena, a Hiena!

É claro que era.
Pois mal a girafa esticou o pescoço
e a Lena a avistou,
foi como o romper de uma onda enorme
dentro do seu peito,
capaz de partir telhas, chaminé,
e virar até de pernas para o ar
os vasos de flores,
pôr as sardinheiras
todas a dançar.

Cheirava a savana
o riso da Lena,
a zebras listradas,
a leões ao sol,
cheirava melhor que o doce de figos,
cheirava a conversas

de grandes amigos,
cheirava a ter casa
e nela habitar.

Que lindo, que lindo!

E tu, que fazias?

Eu estava calada,
sentada, quieta.
Os outros lá dentro, muito sossegados,
um dentro do livro,
aquela nos versos.

Às tantas, a Lena
deu um salto longo
e foi pendurar-se no longo pescoço
que a amiga estendia
(pois era esta amiga que a vinha salvar).
E lá foram elas pela rua fora,
tão altas que viam
as janelas todas no terceiro andar.

Já percebi tudo.

A Lena partiu.

Não foi caravana a dar-lhe boleia,

*mas uma girafa que veio da savana
à sua procura,
até a encontrar.*

Pois foi! Esta é a história
de Lena, a Hiena.

*E já acabou?
Não sabes mais dela?*

Ai não que não sei!
Queres ver uma coisa
que te vou mostrar?

Quero! Quero, pois.

Então, vem à sala.
Olha, mesmo ali,
ao lado do livro onde o Júlio vive,
está esse postal,
vê o endereço:

*Toca da Hiena,
Carreiro do Sul,
Savana Africana.*

Código postal:

Estrelas e sol-pôr.

É lá que ela mora.

Mandou-mo há um mês.

E acabou-se a história?

A história acabou,

Que mais para a história

se há de desejar?

A Lena escreveu,

está muito feliz,

diz nesse postal que chegaram bem.

Como elas chegaram,

isso eu já não sei,

devem ter cruzado muitos e mais mares...

Há só uma coisa

de que ela tem pena:

não ter na savana

figos cor de mel para cozinhar.

Que pena! Que pena!

Mas nós temos figos dourados e frescos.
Vê lá se há açúcar
e um pau de canela,
pode ser que o Júlio e a formiga Aninhas
se queiram juntar aqui na cozinha.

Olha: pôs-se o sol,
e bastou falar
em figos e mel
que o livro da estante
já se está a abrir,
e aquele poema que fala da Aninhas
a vê-la sair.

Aí vêm eles.
Fala-lhes baixinho,
olha o olho dele, tão grande e verdinho,
e as patinhas dela como são bonitas,
fala-lhes baixinho,
para não os espantar.

Podes entrar, Júlio.

Podes vir, Aninhas.

Com passos de dança
muito bem mexidos a patas e mãos
com colheres de cor,
está feito o desenho que vamos mandar
a Lena, a Hiena.

*E ainda por cima,
já temos jantar!*

Passou um gato sobre este teclado

Maria Leonor Barbosa Soares

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Ilustrações de Evelina Oliveira



Eu sou a Mel, uma gata cinzenta de pelo comprido, leve e macio. Tenho uma cauda felpuda que desenha arabescos no ar quando caminho e que gosto de mover como um leque quando descanso. Não, não sou persa... estou até tentada a acreditar que descendo de gatos aventureiros e errantes, pelo lado da minha mãe, e de gatos de rua esquivos com morada fixa num velho telhado, pelo lado do meu pai - todos, sem dúvida, matreiros.

Vivo num andar muito alto de um prédio ainda mais alto numa zona elevada de uma cidade que se inclina para um rio e para o mar. Isto quer dizer que qualquer janela desta casa é muito atraente mas nada tranquilizante! Os motivos de alegria e de irritação sucedem-se do lado de lá do vidro, como podes imaginar. Por exemplo, consigo seguir com o olhar o voo dos pássaros até muito longe mas... raramente algum se aproxima da minha janela porque a maioria voa lá em baixo. Vislumbro coisas interessantes lá fora mas... não tenho maneira de sair daqui! E os insetos? É uma pena... só cá chegam melgas.

Comigo vive uma professora, a Maria Clara. Passa imenso tempo a ler e a escrever. A sua escrivaninha está colocada junto a uma janela e sobre ela amontoam-se pilhas de livros, um computador e uma impressora – tudo coisas que me agradam bastante... Costumo andar por ali enquanto ela trabalha, livro acima, livro abaixo; de vez em quando, deito-me no parapeito observando os pássaros, como te disse, ou encosto-me à tampa do computador e dormito um pouco. Fazemos companhia uma à outra, durante horas, em silêncio. Olhando a imensa cidade, divagamos com os olhos semisserrados. A janela pode servir de moldura para muitos devaneios de gatos e de gente, percebes?

O computador da Maria Clara está quase sempre ligado. Eu gosto daquele computador! É quentinho e faz um ruído baixo, bom para cochilar, acompanhado de uma vibração suave que me acaricia o lombo...



Com frequência, deito-me atrás do ecrã inclinado quando ela está a escrever. Sinto-me aí quente e protegida. Mas nem imaginas como gosto de passear do outro lado e sentir as teclas baixar e subir sob as minhas patas! Logo ouço gritos: “Ai, Ai, Ai! Mel! O meu trabalho! E agora?” Outras vezes, o tom é diferente, divertido e cúmplice: “Aqui há mesmo gato! Passeou um por este teclado, vê-se logo! Hum, hum, hum!”

Quando trabalha, a Maria Clara olha longamente para o ecrã, depois olha pensativa através da janela, de novo se concentra no ecrã. Começa, então, a bater com os dedos nas teclas, tsch, tsch, tsch, muito depressa... para, olha para a janela... e as horas vão passando assim. As teclas deste computador fazem ruídos mais suaves e interessantes do que as do outro, o mais antigo, que faziam um pic, pic, pic seco e afiado. Eu delicio-me com as variações mais ou menos fortes do tsch, tsch, tsch - depende das teclas, até já as sei distinguir - mas, na minha opinião, isso não faz esquecer um grande defeito: este computador não está sempre no mesmo sítio.

De vez em quando... até nem está em casa! O antigo estava sempre ali, ronronante, morno e acolhedor. Eu gosto de coisas que estejam onde eu espero encontrá-las, sabes? Ele era seguro como um caixote e muito confortável... Que saudades!

De qualquer modo, constante e fascinante... é a impressora! Aquele tssssssssss tsssss tsssss tssssss tssssssssss em cadência, o estremecimento miudinho, a folhinha que vai fazendo aparecer...dão cabo de mim! Tenho até um sonho frequente, muito empolgante, no qual me vejo quase a voar sobre filas de impressoras que dançam numa sala enorme e atiram folhas de papel em todas as direções enquanto fazem os seus tssssss tssssss tssssssss ritmados! Que bom seria se fosse verdade! Que bom seria! Na realidade, a Maria Clara fica contrariada quando tento parar as folhinhas com a minha pata e tira-me logo dali. Posso titubear um miahahaaau tremendo o maxilar, arredondar o olhar para ela ... nada a demove.

Num destes dias de verão, em que tudo acontecia como no anterior, tranquilamente, com sonos entremeando outros sonos sobre um livro aqui ou um caderno acolá, ouvi a Maria Clara falar ao telefone com uma amiga. Percebi que essa amiga se encontrava longe, em férias. Comentava que as tardes lhe pareciam passar estranhamente devagar, tão devagar como só as tardes da sua infância... o que sendo agradável, a deixava, por vezes, sem saber o que fazer.

“Que bom! Que sorte que tu tens por sentir isso!” retorquia entusiasmada a Maria Clara. “Olha, escreve-me uma carta, uma carta a sério, anda lá!... Estou cansada de mensagens rápidas por e-mail. Uma carta a contar-me o que te apetecer... à moda antiga, está bem? Sem abreviaturas, com a tua própria pontuação e com o teu estilo... Agora tens tempo para escrever...” – pediu a Maria Clara e prolongou a conversa sobre o tema da redação de cartas. Atendendo ao seu alvoroço, era um assunto que a interessava mesmo a sério e sobre o qual falava poucas vezes. Depois de desligar o telefone, a Maria Clara continuou a pensar alto, dirigindo-se a mim:

“Sabes, Mel, antigamente não havia e-mail e as pessoas escreviam cartas umas às outras para contarem as mais variadas coisas. As cartas demoravam muito tempo a chegar ao destino, por isso, o que uma pessoa escrevia num dia só seria lido

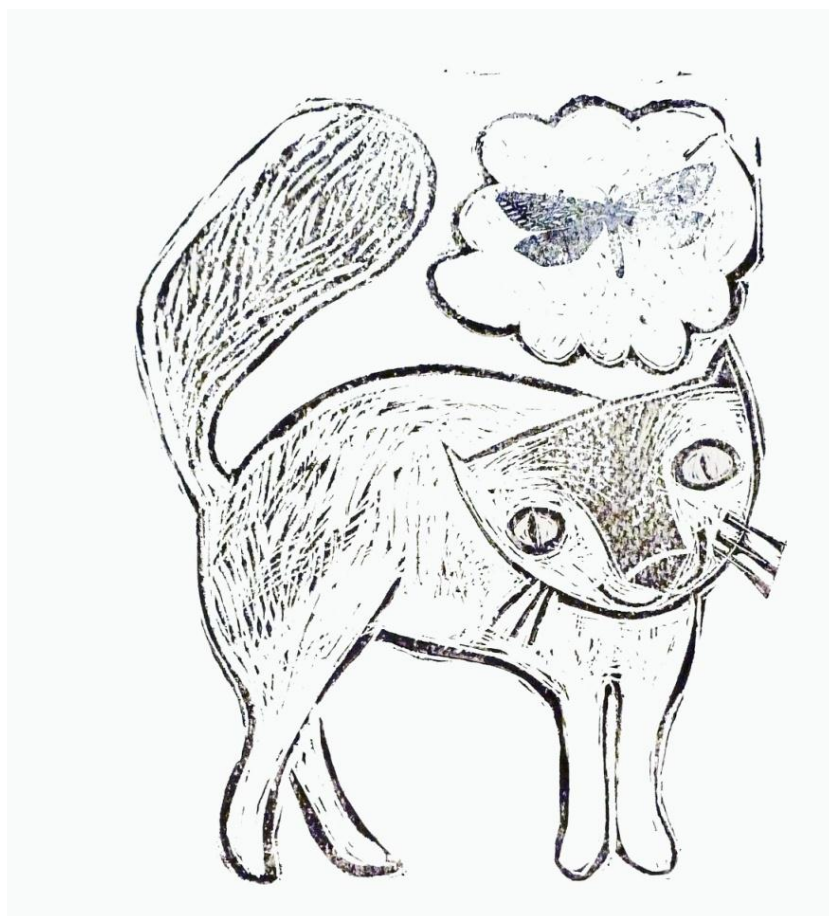
dias mais tarde pelo destinatário, às vezes, mesmo muitos dias depois. Eram, normalmente escritas com cuidado, escolhendo com rigor as palavras, corrigindo e melhorando até à perfeição... uma carta dizia muito do autor através da caligrafia, das palavras utilizadas, da organização do texto, percebes? ”

A Maria Clara, sorriu para mim, um pouco corada, fazendo um trejeito com a cabeça como a desculpar-se por o assunto não ser do meu interesse. Como são engraçados, os humanos, tão tímidos e inseguros, às vezes! Abriu, então, uma gaveta e pegou numa folha de papel diferente das que usa habitualmente. “A minha caneta... onde a terei metido?” Remexeu mais outra gaveta e tirou de lá um estojozinho. “Cá está!” Sorriu, pegou numa caneta verde e preta que eu nunca tinha visto e começou a escrever, visivelmente com mais lentidão e cuidado do que o costume. Devo dizer que o som daquela caneta sobre o papel era muito especial: arranhava um pouquinho, sem arrepiar, alternando uns toques mais ásperos czz, czzu, chzz com outros mais deslizantes zzi, izz, ziis... Eu podia perceber quando ela usava mais ou menos força e havia mais ou menos firmeza no seu gesto. Fiquei a observar a mão da Maria Clara ora passeando para lá e para cá, ora parando, ligeiramente erguida, o pulso inclinado de um certo modo que achei bastante elegante. As expressões do seu rosto iam mudando à medida que as linhas de caligrafia preenchiam a página. Estava, sem dúvida, mais emocionada do que quando, minutos atrás, escrevia no teclado do computador.

Nós, os gatos, gostamos de tudo muito bem feito, requintado, cuidado em todos os pormenores. E, a verdade, é que aquela cena tinha um encanto muito especial! É difícil para um gato compreender a pressa e a agitação dos humanos... por isso, quando estão calmos, entregues aos seus pensamentos e sonhos, sem os nervos à flor da pele, nós entregamo-nos completamente ao prazer da sua companhia, enroscados nesse momento doce... e, como foi assim, e eu estava feliz, desejei intensamente que a Maria Clara compreendesse uma ideia que me ocorreu. Dei uma torrinha no seu braço enquanto pensava: “Os humanos sabem escrever mas não têm tempo... Os gatos têm imenso tempo mas não sabem escrever. Eu, por exemplo, tenho manhãs imensas e tardes sem fim, cheias de histórias e ideias... E se

arranjássemos uma maneira de equilibrar isto? Que tal: eu penso muito, com toda a calma, e tu escreves com toda a rapidez?” Equilíbrio é assunto de gatos, não é?

Pois bem, planejar uma ação também é assunto de gatos. Nunca viste um de nós ensaiar mentalmente um salto? Com os olhos fixos no alvo, medimos as distâncias uma e outra vez, ponderamos o impulso balançando o corpo para cá e para lá, determinamos a força necessária e... aí vamos nós, absolutamente certos! Ora, como por certo te lembras, eu disse-te que descendo de gatos matreiros... Estendi-me sobre a secretária, dei uma voltinha de modo a ficar um pouco de barriga para cima – os humanos ficam enternecidíssimos quando nos veem assim – inclinei a cabeça para a Maria Clara, semicerrei os olhos, passei a pata pelo focinho, estiquei-a até tocar-lhe na mão... “Será que me podes entender?”



Lembrei-me que a Maria Clara, quando está cansada, por vezes se deita ao meu lado no chão. Pega na minha pata e diz: “Aqui estamos nós de pata dada, não é Mel?” De facto, não costumo ter paciência para estar de pata dada e só aguento permanecer assim quieta um bocadinho. No que se refere a disponibilidade para mimos, nós também somos diferentes dos humanos, sabes? Quando um gato pede mimos, um humano entenece-se, acha logo que é uma grande oportunidade de comunicação (falo daqueles que gostam de gatos, claro) e faz tanta festa que até chega a ser demais... Um gato nunca faz meiguices por lhe pedirem mas apenas no momento em que lhe apetece e na justa medida que acha interessante e... lá vai! Não se trata de não gostar de mimos: claro que gosta! Mas... tédio, não! Explico-te tudo isto porque eu quis chamar a atenção da Maria Clara e fazê-la compreender a minha ideia - o que era mesmo muito difícil, quase impossível, diria até, se não fôssemos tão amigas - e, para isso, usei todas as estratégias... até a da pata dada!

“Mel, que querida! ...O que é? ...Oh! Tão meiguinha... o que se passa? A caneta está a interessar-te, é? Que linda, a pôr a patinha na minha mão!...”

Tempo também é assunto de gatos, certo? Se a Maria Clara me perceber eu poderei explicar, em formato de uma longa carta ou de uma história, como o tempo dos gatos é diferente do dos humanos... E como nós temos sempre o tempo que precisamos para tudo o que nos propomos fazer e, ainda, para deixar acontecer o que vier a propósito, falarei também do tempo obediente dos cães, do tempo apaixonado das borboletas ... do tempo atarefado das aranhas... do tempo irrequieto dos pardais...

“Que gata pensativa...Hum, hum... O que te vai na cabeça, bichaninha? Deixa-me imaginar... Olha, vou escrever uma história... espera...já sei! Vais ser tu a narradora, que tal? Ora bem, vai começar assim:

Eu sou a Mel, uma gata cinzenta de pelo comprido, leve e macio. Tenho.....”

The unfortunate Persian crow...

Suzan Massoumi

Faculdade de Letras
Universidade do Porto

ی کی بود ی کی نبود ، غیر از خدا هیچکی نبود ...

قصه ما به سر رسید ، کلاغه به خودش نرسید



Yeki bood yeki nabood... One was and one wasn't.

Gheyr az khodâ hichki nabood ... apart from God, there was nobody...

With these two sentences, the Persian fairytales began. In my language, these two sentences are equivalent to: "once upon a time... "

Excited as I was to discover the new stories of my grandmother, great-aunt or my mom, I never let them start telling the story:

"And why «One» was but not «the other»?"

Then he/she had to feel very lonely, wasn't it? Would you say from now on that «one» and the «other» they both "existed" and they were living together? It's not fair: neither this «one» nor the «other» would be happy about this..."

I never got the answer I was looking for, just the riposte from granny: "you don't need the fairytale; you don't even let me start it..." And my mom, who was much more patient with me, would explain that, in reality, the «one» and «the other one» were actually living together - it was just that this sentence sounded better like this.

But my questions never stopped. I think that it wasn't just me asking these questions, but another million Persian kids.

"Then if you say that «one» existed, then God was not alone. At that point why do you say that there was nothing else but God?"

And again their justifications would never satisfy me – and I was not pleased with their reply that they wouldn't begin telling the tale unless I keep quiet until its end.

Then I would promise not to talk until the tale was finished, thinking about what could happen next... And each tale ended with another upset:

"[...] Gheseyeh mâ be sar résid, kalâgheh be khunash na-résid..."

Our story is over, but the crow's journey back home is never over...

And again, poor grandma, poor mom and poor me... with all the questions about the unfortunate crow who was victim of an unknown Persian storyteller who created this sentence to finish each fairytale, leaving all us poor Persian kids in sadness and tormented by a great deal of questions about this pitiable crow and its dreary fate...



O MEU MENINO JESUS

Isabel Pereira de Leite

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
CITCEM



O meu Menino Jesus é muito especial para mim.

Conheci-O em casa de meus Pais. Já vivia com a nossa Família desde o séc. XVIII.

Lindo, vestido de seda e rendas que já passaram por um ou dois restauros, sorri, de braços abertos e olhos brilhantes. Os caracóis são escuros e a pele clara, macia e luminosa.

Hoje, mais de meio século volvido, está em minha casa, no meu quarto.

O tom da sua pele que, durante a minha tenra infância, não podia ser outro aos meus olhos, cedo, porém, começou a levantar-me algumas interrogações. Sobretudo quando, um belo dia, chegou a casa de meus Pais uma pequena escultura em madeira escura.

Era a Virgem. A Mãe do Menino, tão diferente dele, era claramente negra. Esbelta, de maçãs do rosto salientes, olhos baixos, cabelos cobertos por um manto comprido, mãos juntas em prece, vinha de Moçambique, de onde haviam regressado uns Tios meus. Isto vim eu a saber mais tarde.

Tenho uma vaga ideia do dia em que pensei que era estranho Mãe e Filho estarem separados. A Mãe na saleta, numa prateleira da estante cheia de livros; o Filho no oratório, no hall de entrada, na companhia de anjos em marfim e de pequenas figuras em madeira policromada.

Era injusto! Injusto para ambos! Nenhuma Mãe deve ser separada do Filho recém-nascido. Ela própria lhe é essencial. Também ele sabe isso. Não só o sabe, como também o sente.

Se há questões intrigantes para uma criança, os adultos têm de ter respostas, nem que as respostas suscitem novas perguntas. Os adultos sabem sempre tudo...

“Ó Mãe, por que é que o Menino Jesus e a Nossa Senhora não estão juntos?”

Não me lembro da resposta. Claro que esteticamente não ficava bem. Como ainda hoje não ficaria. Mas, se essa pergunta requereu uma resposta bem pensada, como

com certeza foi dada, outras obrigaram, ao longo de alguns anos, minha Mãe a verdadeiramente parar para pensar.

Foi o que aconteceu quando, algum tempo depois, lhe perguntei:

“Ó Mãe, esta Nossa Senhora é preta, mas a que está na sala com o Menino Jesus ao colo é branca, como as outras todas. Não percebo!”

A resposta, lembro-me bem dela, veio, demorada:

“Nossa Senhora pode ser branca, pode ser preta e pode ser de outras cores.”

“Então o Menino Jesus também pode, Mãe?”

“Pode, pois!”

Ah! O problema é que até então eu nunca vira o Menino Jesus senão branquinho, rosado, fosse onde fosse que estivesse; mesmo nos livros de arte tão bonitos que eu abria com gosto, ao som de um “Cuidado, menina!”, repetido vezes e vezes.

Há coisas que guardamos na memória. As minhas tatuagens da infância e dos anos que imediatamente se lhe seguiram são poucas. Sei que falava pelos cotovelos e que estava sempre com perguntas (e respostas) na ponta da língua.

Também me lembro do deslumbramento que foi para mim aprender a ler. A maior de todas as conquistas! Ia ficar a saber tudo! Até que enfim!!!

Claro que quanto mais aprendia, mais dúvidas e interrogações se me punham. Era um pouco perturbador.

Hoje, se há algo de que esteja mesmo convencida é de que se vive mais e melhor se estivermos atentos e em permanente questionamento. Por um lado, ao constatarmos a solidez dos nossos alicerces, como foi e vai acontecendo comigo, conseguimos estar melhor no Mundo. Por outro, apercebemo-nos mais facilmente da relatividade das coisas: o que nos parece importante, afinal nem o é... Mais, ainda! Acabamos por ter a noção de que cada vez sabemos menos, apesar das experiências que vamos somando ao longo da vida e do que vamos aprendendo.

Mas, voltando à Virgem e ao Menino: aquela aparente contradição passou, um dia, já bem mais tarde, a fazer, para mim, todo o sentido.

Na verdade, o Menino Jesus não tem cor. Cada um o representa à sua imagem; conforme o vê. Não é Ele universal? Encarnou como Homem de todas as raças, de todas as cores. Aliás, jamais a Criança de Belém poderia ter sido branca. Cada imaginário se apoderou desse Menino como entendeu. Na minha ideia, até ter começado a perceber o verdadeiro significado do Nascimento, o Menino Jesus era branco.

Por acaso. Porque nasci onde nasci e fui crescendo onde cresci, o meu Menino Jesus, Aquele para o qual todos os dias olho, é branco. Por acaso. Só por acaso.

Porto, 30 de novembro de 2011

COMISSÃO EDITORIAL

EDITORIAL COMMITTEE



Filomena Vasconcelos

Associate Professor of English Literature

Department of Anglo-American Studies

FLUP University of Porto

Professora Associada de Literatura Inglesa

Departamento de Estudos Anglo-Americanos. FLUP Universidade do Porto.

Publicações/ Publications:

Ricardo II, de William Shakespeare. Tradução, Introdução e Notas de Filomena Vasconcelos. Campo das Letras, Porto, 2002.

O Conto de inverno, de William Shakespeare. Tradução, Introdução e Notas de Filomena Vasconcelos. Campo das Letras, Porto, 2006.

Imagens de Coerência Precária. Ensaios breves sobre linguagem e literatura. Campo das Letras, Porto, 2004.

Considerações Incertas. Ensaios sobre linguagem, literatura e pintura. Campo das Letras, Porto, 2008.

fvasconc@letras.up.pt

Maria João Pires

Associate Professor of English Literature

Department of Anglo-American Studies

FLUP University of Porto

Professora Associada de Literatura Inglesa

Departamento de Estudos Anglo-Americanos

FLUP Universidade do Porto

mariapires@netcabo.pt

Abbye Meyer

Universidade de Connecticut, EUA

**Ana Teresa Magalhães**

FLUP, Portugal

Nasceu no Porto em 1983. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Anglo-Americanos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a mesma onde se encontra a frequentar o Mestrado em Estudos Anglo-Americanos, variante de Tradução Literária. As suas áreas de interesse são a Literatura, a Música, os Estudos da Tradução, o Cinema e o Teatro.

**Cláudia Morais**

FLUP, Portugal

Nasceu no Porto, em 1986. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas – variante de Estudos Anglo-Americanos na Faculdade de Letras da Universidade Porto.

Atualmente frequenta o Mestrado de Estudos Anglo-Americanos, variante tradução literária na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Os seus principais interesses são: literatura, música, cinema e desporto.

ENSAIOS & TEXTOS / ESSAYS & TEXTS

Maria Luísa Malato Borralho

Professora Associada da Faculdade de Letras – Universidade do Porto (Departamento de Estudos Portugueses e Românicos – DEPER). Investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa

Lúcia Helena Lopes Matos

Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2006). Atualmente é professora adjunta na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, vice-coordenadora do curso de Letras, coordenadora do PARFOR – Programa de Aperfeiçoamento de Professores e coordenadora na área de Letras do Programa – do programa de Licenciaturas Internacionais em parceria com a Universidade de Coimbra. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística, leitura, ensino da língua portuguesa e literatura.

STORIES FOR CHILDREN / CONTOS PARA CRIANÇAS

Ana Luísa Amaral

Nasceu em Lisboa, em 1956. Vive, desde os nove anos, em Leça da Palmeira. É Professora Associada na Faculdade de Letras do Porto, onde leciona no Departamento do Estudos Anglo-Americanos. Tem um doutoramento sobre a poesia de Emily Dickinson e publicações académicas nas áreas de Literaturas Inglesa, Norte-Americana, Comparada e Estudos Feministas. Integra a Direção do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Organizou, com Ana Gabriela Macedo, da Universidade do Minho, o Dicionário de Crítica Feminista (Afrontamento, 2005). Está representada em inúmeras antologias portuguesas e estrangeiras, estando a sua poesia traduzida para várias línguas, como castelhano, inglês, francês, italiano, alemão, holandês, árabe, russo, húngaro, búlgaro, romeno, polaco e croata. Tem feito leituras dos seus poemas em vários países, como Estados Unidos, França, Alemanha, Irlanda, Espanha, Holanda, Itália, Roménia, Polónia, Rússia, Colômbia ou Argentina. Tem nove livros de poesia (entre eles, Minha Senhora de Quê, Fora do Texto,

1990, Coisas de Partir, Fora do Texto, 1993, Às Vezes o Paraíso, Quetzal, 1998, Imagens, Campo das Letras, 2000, Imagens, Gótica, 2002, A Arte de ser Tigre, Gótica, 2003 e A Génese do Amor, Campo das Letras, 2005), reunidos em Poesia Reunida (1990-2005), Quási, 2005. É ainda autora de livros infantis: Gaspar, o Dedo Diferente e Outras Histórias, Campo das Letras, 1999, e A História da Aranha Leopoldina, Campo das Letras, 2000 (adaptado para a RTP2). Está no prelo (Campo das Letras) o seu próximo livro, Entre Dois Rios e Outras Noites. Em 2007, obteve o PRÉMIO LITERÁRIO CORRENTES D'ESCRITAS/Casino da Póvoa, com o livro A Génese do Amor. Foi ainda recentemente galardoada em Itália com o PRÉMIO DE POESIA GIUSEPPE ACERBI.

Isabel Pereira Leite

Nasceu no Porto, em 1958.

Estudou História na FLUP e fez uma “incurção” na FLUC, a qual lhe permitiu voltar à Casa-Mãe, onde ainda hoje trabalha como assessora principal de bibliotecas e documentação, nome pomposo que é usado para designar os outrora ditos bibliotecários.

De vez em quando publica uns textos.

É principalmente mãe e “gestora do lar”.

Faz colares e cola cacos de objetos partidos, ao som de música antiga. Acima de tudo gosta muito de ler e de conversar. Está convencida de que o Paraíso deverá ser um sítio onde, finalmente, se terá tempo para ler tudo aquilo que se gostaria de ter lido, mesmo os livros de cuja existência nem sequer se suspeitava...

Tem o privilégio de trabalhar num lugar onde lhe agrada chegar todos os dias.

Acredita que a vida é um dom e tenta vivê-la de consciência tranquila, o que nem sempre é fácil.

Acredita, também, que a sua principal riqueza são os outros e que quase tudo devemos a quem por cá passou antes de nós.

Por uma questão de comodismo, adotou um lema de vida que tem passado, na sua família, de geração em geração: “Não me importo que façam de mim parva, desde que saibam que eu sei e estou a deixar..., mas atenção, pois há limites.”

carpe.diem.ipl@gmail.com

Suzan Massoumi

Estudante de Doutoramento da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Maria Leonor Barbosa Soares

Doutorada em Filosofia, Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

**Ilustrações / Illustrations
Fotografias / Photos****Rui Mendonça**

Designer e Professor da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto

Evelina Oliveira

Artista plástica, nasceu em Abrantes em 1961, vive e trabalha no Porto e em Lisboa.

Iniciou o seu percurso artístico como pintora com um trabalho de reflexão sobre a condição humana, os padrões da natureza e analogia entre as diversas formas e estruturas dos seres vivos.

É a partir de 2003 que começa a dedicar parte do seu trabalho á ilustração infantil, tendo mais de 15 livros editados com as suas ilustrações.

Exposições Individuais

- 2009."Narrativas, figurações e muitas histórias por inventar" – Biblioteca Municipal de Oeiras
- 2008."O cão triangular e muitas outras histórias" – Biblioteca Municipal de Oeiras e de Carnaxide
- . "IMAGINARY FRIENDS" – Galeria São Mamede Lisboa
- . "abril"-Exposição de ilustração no âmbito das comemorações do 25 de Abril -Círculo das Letras -Lisboa
- . "AS IMAGENS DAS PALAVRAS E AS PALAVRAS DAS IMAGENS"- Fórum Cultural José Manuel Figueiredo -Baixa da Banheira
- . "IMAGENS PARA 1001 HISTÓRIAS"-Galeria do Palácio Ribamar – Algés
- . "DIMENSÕES DA MEMÓRIA"-Serpente galeria –Porto
- 2007."Histórias aos Quadrinhos"Serpente Galeria de Arte Contemporânea Porto
- "THE GOOD GIRL'S STORIES"- Galeria Quadrado -St. Maria da Feira
- . Exposição de originais do livro;"Zé do Saco, o contrabandista" de Manuel Jorge Marmelo, Ed. Campo das Letras – Museu dos Transportes e Comunicações – Porto
- . ILUSTRAÇÃO – Sub-verso Galeria de arte contemporânea – Espinho
- 2006."INNER-INTER-PLAYS" – Serpente Galeria de arte Contemporânea – Porto
- . "INNER-INTER-PLAYS" – OM Galeria arte contemporânea -Penafiel
- . "NEVER WRITTEN STORIES" – Galeria Municipal do Montijo – Montijo
- . "The good girl's stories"" – ILUSTRAÇÃO – Serpente galeria de arte Contemporânea – Porto

Exposições Coletivas

- .2009. "S. João"- Exposição de comemoração dos 50 anos do Hospital de S.João no Porto- Árvore Cooperativa de Atividades Artísticas ,Porto
- .ART MADRID 2008.
- . 1001Voltas no carrossel'- ilustração - Centro de Artes de S.João da Madeira
- . XXVIII Certamen de Minicadros – Museu del Calzado – Centro Cultural de ELDA – Espanha

. "ARTE pela CIDADE"- Exposição comemorativa dos 20 anos da AMI- arte na cidade do Porto.

. VII Bienal Internacional de Artes Plásticas da Marinha Grande

. I Bienal Internacional do Montijo

. 1º Encontro Nacional de Ilustração no Feminino – S.João da Madeira

. ARTE LISBOA

. Galeria Beaskoa - Barcelona , Espanha

2007. ARTE LISBOA

" *Miguel Torga – Retratos e Paisagens*"-Exposição itinerante organizada pela Árvore Coop. de atividades

Artísticas.

. Premio Afonso Madureira

. "A arte no direito e o direito na arte"-Museu Municipal de Lamego

. Feira Internacional Do Livro -Frankfurt – Alemanha – Representação de Portugal pela Editora Campo das

Letras com o livro: "Zé do saco o contrabandista" de Jorge Manuel Marmelo

2006. Prémio de Pintura Eixo Atlântico

. ARTE LISBOA

. "O Porto" – exposição temática – Galeria São Mamede – Porta

. "Escolher um sentido"- organização Espaço T (instalação) -Porto

. 4ª Mostra de ilustradores do livro para a infância e juventude-76ª feira do livro do Porto

Ilustração

2006. " *Chocolate à chuva*", Alice Vieira, Editorial Caminho (CAPA)

2006. " *O Catitinha*", Manuela Ribeiro, Editora Campo das Letras

2006. " *Zé do saco, o contrabandista*", Manuel Jorge Marmelo, Editora Campo das Letras (apoio da Fundação

Calouste Gulbenkian e Museu dos Transportes e Comunicações do Porto)

2007. " *A ninfa do Atlântico a História da cidade de Lisboa*", Maria José Meireles, Ed. Campo das Letras

2007."Zeca Afonso, o andarilho da voz de ouro", José Jorge Letria, Editora Campo das Letras

2007."As receitas dos nossos amigos e outros", Vários autores, edição da árvore Cooperativa de Act. Artísticas

2008."2008 Voltas no carrossel"- Eugénio Roda, edições Eterogémeas

2008."A coragem do General sem medo", José Jorge Letria, Editora Campo das Letras

2008."Uma história de cão", Nuno Júdice, revista digital EFABUL@TIONS

2008."O cão triangular", Evelina Oliveira e Maria Leonor Barbosa Soares, Editora Campo das Letras

2008."Considerações incertas", Filomena Vasconcelos, Editora Campo das Letras (Capa)

Prémios

Menção Honrosa -1º prémio de pintura de pequeno formato , Alhos Vedros, 2003

1º Prémio – Prémio Afonso Madeira -III Bienal de artes plásticas da Moita, 2007

Prémio Revelação – III Bienal de artes plásticas da Moita, 2007